



Um
SUICIDA
GAY como
SHANGRI-LA
ENRIQUE
COIMBRA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Capa
Enrique Coimbra

Preparação
Enrique Coimbra

Revisão
Brunna Casati
Thiago Souza
Paulo Bessoni

Primeira edição.
Rio de Janeiro, setembro de 2014.

Todos os direitos reservados a *Enrique Coimbra*.

www.facebook.com/enriquesemh

www.enriquecoimbra.tk

Outros livros:

Sobre um garoto que beija garotos

www.facebook.com/sobreumgarotoquebeijagarotos

www.sobreumgarotoquebeijagarotos.tk

Os Hereges de Santa Cruz – Volume I

www.facebook.com/osheregesdesantacruz

www.osheregesdesantacruz.tk

Sumário

[Agradecimentos](#)

[Um Gay Suicida em Shangri-la](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

Agradecimentos

O caminho até meu terceiro livro publicado não foi assentado sozinho, isso é mais do que óbvio. Sem que meus leitores esperassem coisas novas — não só os que comprem meus livros, mas os que abrem meu site, *Discípulos de Peter Pan*, todos os dias — eu não teria razão para me mexer. Se sigo firme, parte da culpa é desses fiéis amigos que oferecem uma *função* para meu sonho valer a pena.

A outra parte de minha vontade de continuar em frente vem da minha família. Cara, como tenho sorte! Minha mãe e minha avó, Noely e Marly, são minhas melhores amigas! Tenho uma filha, a cadelinha Crystal, que já passou dos 13 anos mas ainda me inspira com olhinhos cegos e pedintes. Sou grato porque tenho onde morar. Tenho internet, comida e estou cercado de gente que acredita em mim, como a Brunna Casati — que entregou uma revisão *avassaladora* desse livro! Cheia de esforço para lapidar meu trabalho, essa obra é tão dedicada a ela quando às mulheres da minha vida. Obrigado pelo voto de confiança!

Agradeço a você que lê, que me dá uma chance. Espero não te decepcionar. Se isso acontecer, leia outro livro meu. Leia o *Discípulos de Peter Pan*. Assista meu *Vlog Sem H* no YouTube. Tenho outras maneiras de falar contigo e ouvir o que você tem para me dizer. Agradeço por poder dialogar!

Sobre o livro

A cada livro exploro uma maneira diferente de narrar uma nova história. Em *Os Hereges de Santa Cruz*, busquei tons obscuros, cruéis. Em *Sobre um garoto que beija garotos*, abusei do cinismo. Quando cheguei ao *Um Gay Suicida em Shangri-la*, investi numa narrativa agridoce, com coices bem dados — pois estamos falando de um jovem gay que falhou ao tentar suicídio —, mas com a constante presença da *esperança* — afinal, em vez de sobreviver achando que cometeu um erro de cálculo, já planejando tentar de novo, ele abraça a segunda chance como uma maneira de se libertar de uma vida oca. Já que chegou ao cúmulo de tirar a própria vida, por que não fazer *tudo* que quiser sem medo de repressões? Do que um garoto que desiste de *tudo* (sentindo que nunca teve *nada*) teria medo? De ser espancado? Humilhado? De não conseguir um bom emprego? Da solidão? Você quer saber?

É isso o que Eduardo vai contar pra gente.

“Se não encontrarmos o paraíso dentro de nós, não o encontraremos do lado de fora.”

— James Hilton, *Horizonte Perdido*.

Prólogo

Não domino a cronologia entre descer da picape numa nova cidade e descansar a única mochila que trouxe comigo de São Paulo sobre o colchão inflável e murcho.

Dominava, num “talvez” feioso, a ideia de que as coisas seriam mais fáceis.

Não contava com esse sopro no peito, essa canção melancólica saudando saudades que não vou sentir, quem sabe nunca mais. É tanto eco no meu vazio que o desespero transborda.

Esse vazio era apático antes. O de hoje é um galpão aguardando preenchimento. Esperança.

Inspiro, expiro, suspiro. Inflo tanto os pulmões que os sinto colar, raspando em minhas costelas. A mochila vira dois amontoadinhos de roupas na prateleira de MDP atrás da porta, e o plástico do colchão se eleva azul contra a gravidade, planando um espaço antissolteiro para eu dormir nessa quitinete.

“Antissolteiro”, não de casal. Casal é pra quem tem com quem deitar. Um amor, mesmo de mentira. Não tenho. Esse espaço extra é antissolteiro, onde um monte de desvantagens se emaranha com um par de travesseiros e lençóis velhos doados por meu generoso locador.

Me quebro, me obrigo a chorar, nem que por cinco minutos. Porque esconder medos de mim me matou uma vez. Quando voltei à vida, prometi que morreria por qualquer coisa: uma bala perdida, um motorista sonolento ao volante, overdose de milk-shake extradoce ou um pedaço de *Krypton* caindo incandescente do céu; mas nunca, jamais, morreria por escolha própria de novo.

O mundo congela quando você se mata.

Capítulo 1

Se o povo da Terra compreendesse que a inexistência é melhor do que meio-viver, tentaria suicídio junto comigo.

Uma meio-esposa, de um meio-marido, com meio-salário e um filho pela metade. Não “meio-filho”, apenas um filho pela metade. Não-vivo, não-morto, nem morto, nem vivo, toda sexta no bar mais próximo, só parando de cair aos domingos porque segunda tem aula de Relações Internacionais — faculdade que não escolheu porque o karma deveria se chamar Karmen, de tão vadia.

De sábado ao primeiro dia da semana, meu namorado perfeito me buscava menos preocupado do que deveria, calado o suficiente para sufocar um cristão ansioso pela hóstia. No caso, o cristão da analogia sou eu. O sufocado.

O filho pela metade.

O Eduardo.

Ele não me amava o suficiente para dar a mínima. Mesmo assim, era meu namorado. Quem não seria? Eu era um bom negócio, olha só:

Cap *Nike* por R\$ 129,90.

Camisa *Daslu* GG cinza (não correspondente ao meu tamanho M) por R\$ 290,00.

Skinny jeans da *Renner* por R\$ 70,00 (não que me orgulhasse disso).

Tênis *Nike Dunk* preto e bege por R\$ 399,90.

Um monte de desconhecidos amigos numa mesa de bar: não tinha preço.

Em média, minha personalidade custava R\$ 889,80. Ou 12 vezes sem juros de R\$ 74,15 — não que garotos como nós, nesse mesmo bar careiro, precisássemos parcelar alguma coisa.

Viu? Eu era o produto antirrebelde de uma rebeldia que só entendi de maneira subjetiva por me odiar por dentro. Gayzinho “cara de hétero”, raro de esbarrar, lindo de morrer, bem-vestido até vomitando os bofes (sem piadas com “bofes”) nas calçadas de fim de sábado, e extremamente educado para orgulhar o meio-pai de uma empresa meio-que-decadente.

A razão pela qual meu namorado me namorava de volta era a mesma que a minha ao namorá-lo: fui ensinado que se tinha de ser gay, que fosse com um gay que parecesse homem.

Hoje percebo que o único instante em que deixei de ser homem foi quando acovardei e escondi de meu pai quem eu realmente era. Não uma bailarina, dona de uma caminhonete rosa buscando trocar de sexo na Malásia ou em qualquer país do tipo.

Eu era sensível. E questionador. E queria saber por que minha vida estava do jeito que estava. E por que não tinha coragem pra dizer que Relações Internacionais não era o curso pra mim, que Literatura era uma possibilidade viável.

Só deixei de ser homem quando meu pai me ensinou que ser homem é se castrar pela vontade do mais forte.

E, mesmo assim, eu jamais poderia culpá-lo de nada.

Capítulo 2

Conseguir emprego em cidades *pequenas* contando uma *pequena* história triste da cidade *grande*, onde sua vida é *pequena* o suficiente para não valer muito nessa *grande* armadilha social, é ligeiramente mais fácil — não que, necessariamente, eu tivesse trabalhado antes.

Ninguém pede currículo ou checa CPF. Ninguém se importa com formação, mas tá de olho no quanto suas roupas estão bem passadas, e é como cair de cara na rede após mergulhar, um mexilhão paulista capturado por pescadores inapetentes.

Tô no RJ, mas não no Rio de Janeiro. E já é maio. Moro entre Porto Real e Resende, e a partir de agora sou empacotador de compras, varredor e removedor de pó das prateleiras no maior e único mercado da região, o *Mercado Estrelas* — que leva o mesmo nome da cidade (de Estrelas, não de Mercado).

Sobre as roupas? Agora elas são assim:

Cabelos comportadamente ensebados por dois dias sem tomar banho no lugar do Cap *Nike* (*sem tomar banho*, falei sério. Tinha algo errado com o encanamento da quitinete que aluguei, e por mais que Seu Lúcio tivesse insistido para que eu tomasse banho e jantasse na casa dele, não consegui dizer nada além de “*não, não, obrigado, obrigado*”, constrangedoramente nessa ordem. Não que a cidade grande fosse um mar de grosserias, mas meu corpo talvez — e só talvez — ainda não tivesse se acostumado à gentileza gratuita. Isso não tem preço, nem vou inserir na nota fiscal).

A camisa *Daslu* GG cinza (não correspondente ao meu tamanho M) por R\$ 290,00, e a skinny jeans da *Renner* por R\$ 70,00 (não que me envergonhe disso), continuam no meu corpo ainda mais magro, entortável por um par de mãos firmes.

O avental, do pescoço aos pés em verde-escuro e mais sujo que as rodas de todas as picapes que se aventuram nesse poeiral, tira o estilo classe média que eu, um dia, vesti feito nariz de palhaço num circo em que ninguém prestava atenção — a não ser que fosse pra assaltar (ou na vez em que gorfei batatas fritas e tequila na minha manga direita. Nesse dia, não me deixaram descansar: “Vomititas” foi meu apelido. E aquilo me magoou mais do que quaisquer coisas que meus “amigos” deixaram de fazer por mim).

O *Nike Dunk* preto e bege, por R\$ 399,90, tem mais barro que nas mãos da *Demi Moore* no filme *Ghost*. E esse é o menor dos meus problemas.

Um monte de *desconhecidos amigos* numa mesa de bar teve preço, sim. Caro. É uma frase que pode ser substituída por “*não conhecia ninguém, morri sem conhecer e, possivelmente, vou morrer (de novo, definitivamente) sem conhecer*”. O que antes significava a mesma coisa. A diferença é que a solidão doía mais.

Nunca gostei de “pareceres”. Ou conhecia ou não conhecia, ou tinha ou não tinha. Esse meio-ser, meio-parecer que me obriguei a engolir, foi o que me levou a tomar os dois primeiros comprimidos de *gardenal* com vodca antes de perceber que não seria tão ruim — e que mais dezoito não me fariam sangrar por todos os buracos antes de apagar para sempre.

Então eu apaguei.

Por três dias.

Capítulo 3

Tudo bem, agora tem uma semana que trabalho aqui no Mercado Estrelas. As quatro mulheres dos caixas são simpáticas, três já adultas, então nos limitamos a sorrir sinceramente, darmos educados “bom dia”, “como foi o almoço?”, “boa noite, vai com Deus” e seguirmos nossos rumos separados para casa.

Casa para qual posso voltar a pé. Tudo é perto de tudo em Estrelas, e nisso a cidade já ganha de São Paulo: nada como caminhar dez minutos pra ir e voltar de onde tiro o mísero sustento para pagar o aluguel da quitinete amarelinha, onde só gasto o uso de água (porque agora funciona).

Lembro do meu pai acordando duas horas antes do horário da empresa pra pegar o carro e mofar por sessenta minutos ou mais, só pra contornar algumas ruas e chegar no prédio de vidro onde todo empresário idiota se reúne numa versão menos divertida de *O Lobo de Wall Street* {também não sou do tipo que passa o dia vendo filme. Só assisti esse turbilhão de drogas, sexo e glamurização do fútil disfarçado de crítica porque tinha muita maconha no apartamento do Pedro e meus desconhecidos amigos queriam ver peitos. *Peitos, peitos, peitos, peitos*. Não chegamos a terminar as três horas do filme, porque depois que as mulheres pararam de aparecer peladas com frequência e o drama dominou a tela, preferimos fumar mais alguns baseados, ligar no *Cartoon Network*, e pedirmos delivery no *McDonald's* [porque a gente tava muito, muito, muito chapado pra andar até a esquina (não que eu me orgulhe disso também)]}.

Ok, agora você sabe como eu costumava ser babaca. Um babaca tão estupidamente babaca que tentou se matar e *não conseguiu*. Um babaca que agora tira o avental verde (agora muito bem lavado com xampu durante o banho, obrigado) e o joga na mochila com os tênis pra calçar o par de chinelinhos e voltar para casa a pé. E mesmo que essa visão de trabalhar num supermercado no meio de lugar nenhum possa soar terrivelmente entediante pra você, digo: é mais franca do que a vida que eu levava feito uma bandeira de como as pessoas podem ser idiotas.

Idiotas a ponto de não se amarem o suficiente e se anularem por quererem se amar um pouco mais. Foi mais fácil fugir do que encarar: fosse meu pai, meu namorado, ou meus desconhecidos amigos (acostume-se com o termo, vou repeti-lo efervescidamente) que não sabiam nada sobre mim.

Até o dia que parei de fugir e vim parar aqui.

— Turista! — me viro para olhar, da cauda do caixa, para a voz anasalada que, sem dúvidas, se dirigiu a mim ao entrar no mercado. — É! Você! — se aproxima com passinhos apressados. Não deve ter mais de trinta anos, apesar de as olheiras tentarem envelhecê-lo. Ele sorri com um canino mais alto que os outros dentes amarelos e fuma um cigarro que parece alongá-lo (não pergunte o porquê). — Vai fazer o que amanhã?

Ah, ele *é* gay, não é como se tentasse esconder. E se não for, estarei sendo um babaca pré-conceituoso. Pré-conceito não é a mesma coisa que preconceito, mas essa é outra discussão. O importante é: *nunca o vi na vida*. Em nenhuma delas.

— Oi — é o que consigo responder, simpático. Dou uma olhada ao redor pra saber se é comigo *mesmo* que está falando, independentemente de estar parado na minha frente, me fazendo levantar o pescoço para encará-lo.

As meninas parecem se recolher nos caixas e revirar os olhos. Basicamente, minha reação foi a mesma, mas pra dentro. Não estou acostumado a esbarrar com garotos “afetados”. E, mano, como *odeio* esse termo!

— Vai fazer o que amanhã? Eu e alguns amigos vamos pra um bar em Penedo de carro, óbvio, e pensamos em te convidar. Não aceito “não” como resposta — me interrompe antes que eu possa agradecer o convite e, claro, dizer “não”.

— Você nem me conhece, acabei de chegar na cidade — rio de leve, procurando uma desculpa para escapar do que deve ser um xaveco.

Faço parte de uma casta em crescente número hoje em dia: dos que se apaixonam por fotos antes de bater papo pessoalmente, que correm pro

smartphone antes de sentar com alguém para um café. Sou uma das raças epidêmicas do filo “talento zero para paquerar alguém na rua”, mas a maneira com que me olha não disfarça a pergunta que quer fazer (e vai fazer se eu aceitar o convite): “*ei, você é gay? A gente pode, tipo assim, se pegar?*”. E não sei até que ponto me sinto lisonjeado ou até onde consigo enterrar meu pescoço na terra.

— A gente sabe que você chegou agora, por isso queremos que vá. Talvez pra conhecer umas garotas... — a indireta. Tento ser o mais simpático possível, pois ele *meio que* está sendo, e minha nova filosofia de vida é tratar os outros como eu gostaria de ser tratado. Tem feito bem.

— Sério, agradeço *muito* o convite, mas não tô no clima de sair. Vim pra cá resolver uns problemas e não me sinto seguro pra fazer qualquer coisa antes disso. Mas, sério, obrigado.

Entenda meu lado: não é por ele ser afetado (argh!) nem por eu estar com (só um pouquinho de) vergonha alheia pelos olhares escrotos que essas meninas lançam contra ele. Também sou gay, ué! Só estou me acostumando a admirar essa característica da *personalidade* através de uma lente mais ampla, menos odiosa, como meus pais, desconhecidos amigos e *Grindr* me ensinaram a fazer.

Não vou porque, sei lá... Bar? Não quero bares na minha nova vida. Até descobrir o que quero de verdade, como me divertir de outras maneiras, melhor ficar em casa.

— Tudo bem — ele sacode a mão na minha frente, assoprando fumaça pra cima. — Se mudar de ideia, sou o cabeleireiro ali do *Ju's Coiffeur*. Eu sou o Ju.

O arquétipo não parece *errado*. Parece ser o que é, e nem sei o que tem nele para ser odiado. Não sei o que tem em mim para eu ser odiado e ensinado a me odiar do jeito que fui.

— Ju — chamo, quando ele já deu as costas, interrompendo o caminhar rebolento de alguém com ego inflado. — Obrigado.

— De nada. Você é lindo.

Eu rio, ele vai embora e a fulaninha que não lembro o nome me aborda com cara de preocupação e nojo, apontando com o queixo o requebrado natural de alguém que está acostumado a ser apedrejado. Habilidade invejável essa de ser apedrejado e continuar rebolando como se estivesse na passarela. Coisa de gente segura e forte. Coisa de homem.

— Cuidado com essas bicha — queria lembrar o nome dela, já tem uma semana que trabalho no mercado. Tento lembrar se alguém já a chamou de alguma coisa, mas não consigo resgatar conversas dos dias anteriores. Parece que estou sempre focado demais no que faço e perco enlaces das diversas fofocas acerca de pessoas que não conheço, mas que elas conhecem desde pequenas.

Sei que, de todas, ela é a única que parece um botijão de gás tirado de uma animação cinematográfica: pescoço achatado, barriga pneuzuda e carinha de pão. Só não é fofa por causa da careta que amassa os olhinhos pretos com sobrancelhas ralas e queixo prensado por excesso de ranzinze.

— Hã? — mostro desinteresse de forma simpática, passando o braço pela alça da mochila.

— Essas bichas, ele anda com um monte de bicha. Cuidado que eles não prestam, não.

— Não acho que eu esteja em posição de julgar — e não estou:

Gay.

Suicida.

Semialcoolatra.

Tudo. Isso. Aos. Vinte e um anos.

— Não, nem eu — ela faz o sinal da cruz com a mão e toca a testa. *Nem ela*. Não sei nada sobre a vida dela para listar (nem lembro o nome, por Cristo!), mas se soubesse, daria no mesmo: a gente não pode julgar ninguém.

— Más-línguas dizem e repito como aviso porque você é novo na cidade. Soube que fazem bacanal, homem com homem e essas coisa.

Eu gostaria de responder: *“Hmm, olha só, acho que homem com homem é comum entre homens que, bem, gostam de trepar com outros homens. Talvez a surubada seja desnecessária mas, de novo, quem somos nós para julgar?”*

Mas aí penso que antes de morrer me forçava a ser como ela e como todos os ignorantes que me cercavam. Queria ser igual porque é, sem vergonha de admitir, mais fácil seguir a correnteza que nadar para a beirada contra as forças da natureza. Não posso julgá-la, tá vendo? Somos todos vítimas e assassinos de uma cultura perdida.

E que o universo me ouça: a melhor coisa que fiz na vida foi morrer. Um Jesus em roupas de marca e comprimidos tarja preta voltando à consciência numa páscoa de preocupação e desespero.

Com permissão do trocadilho, foi quando achei meus ovos.

— Obrigado pelo aviso, vou ficar de olho. Mas também vou deixar que me surpreendam. As más-línguas são “más” por alguma razão. Ou até pela falta de alguma — digo, passando por ela e acenando de longe, pronto pra abrir a porta dupla de vidro e voltar pra casa, agora que o sol já morreu no horizonte. — Boa noite, meninas! — grito para todas e, bum, saio.

Eu diria pra você que estou dançando na calçada com alguma música incrível no ouvido, fingindo que estou num musical e dando piruetas no cimento porque, quem diria, *tô feliz!* Só que não ouço música. Não tenho gosto musical estabelecido. Tive preferências quando mais novo, só que na rua eu me permitia ouvir tudo que meus desconhecidos amigos se permitiam ouvir dos desconhecidos amigos deles. Música era descartável pra gente. Não sei onde enfiei as bandas antigas que ouvia de uma ou outra série de TV, de quando navegava na internet por navegar, quando queria ir a shows para quais não tinha idade...

Sem celular por vontade de experimentar uma vida diferente da que me fazia mal, entendo que música, por mais que se encaixe no momento, ainda

seria apenas útil. Terei tempo para redescobrir meus gostos, achar minha necessidade de amparo emocional em canções.

Tempo pra me reconhecer dentre todos.

Não tenho fogão, então como pão com queijo e presunto no jantar. Acha que tô reclamando? Vai nessa, é perfeito! Também não tenho televisão e apesar de nunca assistir nada *de verdade*, na minha casa ou na casa de qualquer desconhecido amigo, TVs sempre estiveram ligadas, só pra fazer barulho. Sinto falta disso, do ruído.

Porém, tenho sanduíches, chuveiro com água quente, um colchão inflável, uma luminária e a companhia de *Clarice Lispector*.

De repente, me sinto descolado. De repente, me arrependo.

Eu deveria ter aceitado o convite do Ju. Era Ju, não era? Deveria ter aceitado porque nunca tive um amigo como ele. Sinto curiosidade sobre as pessoas com as quais anda, o que garotos como ele fazem. Até com intenções antropológicas mesmo, saber como o homossexual do interior se vira sem prédios, sem cidade! Ele comentou de um bar em Penedo e, velho, sei que Penedo é uma cidade turística. Nunca fui, não tinha vontade, mas passei a ter agora.

“Aprender a viver”, é o que repito vez ou outra para meu reflexo no espelho do tamanho da minha palma, pendurado num prego oxidado no banheiro de cerâmica caramelada.

É isso que quero. Dizer “sim” para o que dizia “não”, dizer “não” para o que eu dizia “sim” sem querer dizer. Roubei do cofre dos meus pais, peguei uma mochila, algumas roupas, pedi carona e vim parar aqui! As coisas foram se acertando em tempo recorde porque decidi viver além da minha zona de

conforto! Por que parar agora? Preciso ser bem-resolvido sobre esse lance de sexualidade, de comportamento, estereótipo. Dane-se.

Foi isso o que fiz: no horário de almoço do dia seguinte passei no Ju's Coiffeur. A clientela, a manicure, a moça alisando o cabelão da outra, todas elas viraram para mim como que analisando o alienígena que aterrizou na cidade. Sem contar a exclamação um pouquinho soberba de Ju, por eu ter mudado de ideia só depois, e aqueles mesmos olhares famintos que me impediam de encará-lo.

Marcamos às nove na minha casa.

Aposto que você pensou que sou inocente a ponto de convidá-lo para ficar sozinho comigo. Nem sou. Nasci e fui criado em Sampa, não dou mole. Como Ju é o motorista, vai me buscar às nove, pois, segundo ele, todo mundo sabe onde é minha casa. Seu Lúcio é alguém famoso ou algo assim por ter várias quitinetes bonitinhas para locação.

Quando volto ao mercado as mulheres julgam a mim. Sorrio. Quero sorrir sempre que tiver vontade. Ainda mais agora, porque estou muito orgulhoso de mim, nenhum olhar torto vai me acuar. Quero engolir a vergonha, não o orgulho de ser humano — o que, contraditoriamente, eu sou.

— Oi, Seu Lúcio — ele aperta minha mão e segura meu ombro esquerdo com os dedos grossos, pesados, me surpreendendo enquanto ainda estou no horário de almoço (mas, como não tenho nada pra fazer e já comi meus sanduíches, caço poeira para limpar e matar o tempo): — Precisa de alguma coisa?

— Não, não quero atrapalhar seu trabalho — o bigode reto e de pontas quadradas não mexe quando ele fala; a boca quase não abre e tem algo nordestino com carioca misturado no sotaque. — É que tô incomodado por você ser tão novo e morar sozinho naquela casa... Tem compromisso à noite?

Fico meio tonto com a espontaneidade da pergunta e sacudo a cabeça negativamente, até lembrar que *sim*, eu tenho.

— Combinei de sair com uns meninos pra Penedo...

— Que horas? — me interrompe, incisivo.

— Nove.

— Que horas o Zé te libera? Às sete?

— É, sete.

— Então você vai jantar na minha casa dessa vez. Não aceito “não” como resposta. Depois te levo pra casa a tempo de aparecer no seu compromisso, tá bom? Sete horas?

Sobre as pessoas nessa cidade:

(1) ninguém aceita “não” como resposta.

(2) todo mundo parece genuinamente generoso.

(3) tá, nem todo mundo, porque a velhinha atarracada que não lembro o nome ainda me olha com cara de bunda.

— Fechado — respondo com um sorriso e ele aperta minha mão livre com força enquanto termino de colocar compras no saco da senhorinha que sai sem agradecer.

Claro que aceitaria o convite. Não significa que eu não ame meus sanduíches maravilhosos, mas é uma chance pra comer *comida de verdade!* Isso nem em São Paulo eu tinha.

A apresentação da mesa começa do lado de fora da casa simples, mas muito arrumadinha do velho que, na minha cabeça, tem função de síndico. Gostaria de chamá-lo assim daqui pra frente, de Síndico.

Antes que ele escancare a porta de madeira pintada de amarelo para contrastar com o jardim de rosas contra muros azuis e baixos, identifico minhas vítimas: batata-frita, bife e... tem mais alguma coisa...

— Entre, não repare na bagunça — ele pede e eu faço, mas não tem bagunça *nenhuma*. Só uma menininha que não sei dizer se é uma garota ou uma boneca em tamanho real, fofa, com bochechas redondas e rosadas na pele mulata. Está parada feito um robô, me mapeando com a vista.

Eu congelo, olhando pra ela em desafio cômico. Ela estreita os olhos e, caminhando desengonçada, faz sinal para que eu a acompanhe pelo corredor escuro.

— Essa é a princesa da casa, Lucianinha. — Lúcio, Lucianinha: fácil de compreender. — Anda, siga a menina.

Acho graça da ordem do Síndico e sigo a miniatura de gente com cabelinhos crespos amarrados em duas bolinhas dos lados da cabeça e pijaminha da *Hello Kitty*.

— Essa é a dona da casa, Lúcia — Lúcio, Lúcia e Lucianinha: ok, cidades pequenas, vocês venceram na originalidade dos nomes em família.

— Muito prazer, Eduardo — a mulher de lábios protuberantes e pele um pouco mais escura que a da filha aperta minha mão. A cozinha é verde-claro, com uma mesa redonda de madeira no meio, para quatro pessoas. Tá tudo pronto, esperando a gente.

E então perguntam por que eu, tão novo, vim morar em lugar nenhum sozinho. Aí vejo no prato que o cheiro que não consegui identificar é purê. Depois de uma garfada, explico que tive problemas com o estilo de vida dos meus pais e amigos, pincelando os tormentos por cima. Ninguém pergunta mais, por sensibilidade.

Depois do jantar, Lúcia diz que está contente por eu ter aparecido. Lucianinha, sem ninguém pedir pra fazer nada, me dá uma rosa desenhada numa folha de papel sulfite durante a sobremesa (sorvete de creme, que nem depois de ser pego de surpresa revelei a meus anfitriões ser meu favorito) e

não tenho opção a não ser abraçá-la forte e estalar um beijo na bochecha gigante.

O casal atesta que posso ligar quando precisar e digo que não tenho celular. Até eles, do interior, ficam chocados e eu só sei dar de ombros com bom humor. Logo, o Síndico quer me levar de volta para que eu não me atrase para o compromisso e, no *Santana* inteirinho, diz que vai me chamar pra almoçar mais vezes, que sente algo “bom” vindo de mim e que, se puder me ajudar, vai fazê-lo.

Ok, eu disse que não julgaria e nem tô a fim de questionar a fonte de tanta gentileza, mas faço um teste:

— Você conhece um cabeleireiro, o Ju do Ju's Coiffeur? O acha *esquisito*?

— Ele é bicha, né? É meio esquisito mesmo. Por quê?

— É com ele que vou sair hoje, ele e os amigos. Vamos para um bar em Penedo. Eu sou gay também.

Sinto até pena de descarregar tudo em cima dele, mas é um separador de águas. Se disse sentir que uma coisa “boa” sai de mim, depois de oferecer me ajudar no necessário, vai retirar tudo o que disse por saber que prefiro beijar meninos na boca? Algo que nunca irá afetá-lo?

Sinto dó. Quase me arrependo pela tirania do silêncio que estabeleci com o desconforto mútuo. Mas não. Foi necessário.

— Hã... — ele perde as palavras, um pouco atordoado. — Tudo bem.

E parece que estou saindo do armário pela segunda vez.

Capítulo 4

Aniversários deixam de ser felizes quando a gente deixa de ser criança. Não só pela insegurança de estar cada vez mais velho, porque o medo da morte é o de menos comparado ao medo de não ver nada no espelho além da vontade de voltar ao passado e mudar o curso do futuro.

Meu aniversário de dezoito anos foi, de longe, o mais complicado. Não que eu fosse o tipo de chorar, mas queria ser. A decisão não vem fácil. Ela não vem, realmente. A gente tem de puxá-la pelos dentes, imobilizá-la pela boca, socar no estômago, derrubar no chão com uma chave de perna e, aí sim, encher o peito pra dizer:

— Eu sou gay.

Os pulmões deles esvaziam junto com a cor da pele. Antes de contar trinta segundos, minha mãe é lágrima, eu sou lástima e meu pai tá *lost*.

Nas manhãs seguintes, não saio do quarto. Nas noites seguintes, meu pai fica desconfortável assistindo UFC ao meu lado, tentando não imaginar que tipo de safadezas inimagináveis meu cérebro gay fodidamente pervertido está pensando agora.

É, sim, inimaginável o que estou pensando: “*pai, me perdoa. Não é minha culpa, eu juro*”. E repete, repete, repete...

Aqui, quis morrer pela primeira vez.

Numa manhã de sábado, papai bate no meu quarto antes de ir pro trabalho. Mal espera eu abrir os olhos e, como a katana de um samurai bêbado, me perfura e rasga com a velocidade de uma tartaruga ninja:

— Só seja *homem*, tá bom? — e sai.

Do nada, minha existência não faz mais sentido.

Capítulo 5

“Viver mais com menos” é outra filosofia que adotei de jeito apaixonadamente orgânico. Foi uma necessidade gritante para que eu me tornasse móvel, deixasse minha vidinha classe média para trás e sentasse no carona de carros aleatórios, na beira da estrada, depois de levantar meu dedão em clemência. As pessoas são generosas. E não preciso de trezentos e cinquenta mil cuecas pra me sentir limpinho.

O que quero expressar é que morri de verdade. Bem, uma *versão* minha morreu. Quem está parado na frente da casa sem muros, alugada, é outro Eduardo. Eduardo sem sobrenome. Eduardo que não liga para o sapato, que não precisa se importar com o cabelo ou com a simplicidade de um trabalho honesto que não tem diploma como requisito básico.

Gosto de me sentir comum. Gente comum é feliz.

O resto só parece.

— Você vai vestido *assim*? — com as mãos no volante do *Gol*, Ju critica minha roupa e isso não chega perto de me ofender. Até porque mesmo se eu quisesse me vestir “melhor”, não teria como: só possuo roupas amassadas e com cheiro de xampu. — Entra no carro, vamos passar na casa do Cassiano, ele deve ter algo do teu tamanho.

Antes que eu pergunte quem é Cassiano, o garoto de cabelos lisíssimos, até aos ombros, me dá um tchauzinho animado, os dentes fixados num aparelho ortodôntico que reluz dentro do carro iluminado contra a noite.

— Não, vou assim mesmo — e já corto o assunto. Tento não julgar mas Ju é *meio* superficial. — Tem espaço pra mim?

Sei que tem, pois o banco do carona está ocupado por um careca moreno e fortinho, com o braço pendurado pra fora e com cara de poucos amigos, e o de passageiro só tem dois no espaço para três (o tal Cassiano e um... não sei

definir *o que* ele é, mas não é jovem ou *apenas* homem, mas não tem cara de velho por completo. É uma coisa mística e tão, mas tão carismática, expressando verdadeira empolgação nos olhos, que tenho a impressão de ter cruzado com um unicórnio).

— Prazer, Stéfani — o unicórnio fala, estendendo a mão no espaço mínimo para eu apertar. O faço com entusiasmo, hipnotizado pelo brilho psicodélico das unhas pintadas de pink.

— Eduardo — me apresento de volta.

— Todo mundo sabe — Ju dá a impressão de ter revirado os olhos, mesmo sem que eu pudesse vê-lo. Algo no tom de impaciência. Aí já não tenho certeza se deu mesmo em cima de mim quando me convidou no mercado, ou se entendi errado e ele só estava tentando (*tentando*) ser simpático. — Esse aqui do meu lado é o Sílvio.

Sílvio levanta o polegar pra mim, sem se virar.

— São melhores amigos — Cassiano me diz, como que justificando a similaridade em falta de simpatia vinda deles. Me arrependo de ter vindo até Stéfani dizer que é drag queen e faz shows para empresas em conferências em Penedo, Resende e outras cidades pequenas.

Não conseguiria explicar o quanto de simpatia esse senhor/senhora, com/sem rugas, de trinta/cinquenta anos transborda no jeito arrastadinho de falar, como se quisesse que você entendesse cada palavra, lapidando cada sílaba para soar o mais teatral possível. Talvez pela camisa polo tão rosa quanto as unhas, marcando um pouco a barriga de chopp e tetas de gordura, essa criatura mágica se torne, literalmente, fantástica.

Cassiano parece introspectivo, com enormes olhos de nerd, também numa mistura menos definida do que é masculino e feminino no nariz delicado em depressão, apontando para baixo. Pontas arredondadas das enormes orelhas de elefante escapam pelos cabelos (muito, muito, *muito*) lisos, e ele chupa a baba dos cantos da boca depois de rir, por causa do aparelho. Passo a achar essas duas entidades incríveis, de cara.

Quando a gente flutua na varanda fria do bar rústico de madeira envernizada, refletindo mornamente as luzes amareladas, a fascinação me faz preferir sentar ao lado deles do que de Ju (que ainda tentou pegar o lugar de Cassiano à minha direita).

Tem algo em Ju que me deixa defensivo, diferente do que se mostrou a mim mais cedo. Lembra o monte de vazio em minha vida passada: roupas impecáveis, a gola de pé, o cigarro na ponta do dedo e a amizade com o Sílvio-Cara-De-Boi.

Pedem cerveja (que eu chamo de “breja”) e eu peço um refrigerante. Ju começa:

— Não vai beber?

— Não, não bebo — Ju, Sílvio e Stéfani se entreolham, mas Cassiano espera que eu termine: — Tenho histórico ruim.

— Ué, você vem pra um bar e não vai beber? — Ju aumenta a voz um pouquinho e parece afetá-la (droga) de propósito. Tento não pensar que ele está querendo chamar minha atenção. Tento não achar que tô pegando implicância sem conhecê-lo.

— Você não me convidou pra beber, me convidou para um bar — tento explicar, mantendo o sorriso. Ele é invasivo e eu não quero que a gente se desentenda. Vez ou outra, os olhos dele parecem dizer que é isso o que quer.

— Te convidei porque você é bonito — solta, com fumaça. Stéfani bate palmas e eu viro para a esquerda, sem graça, mas sem deixar de sorrir, sentindo a brisa fria do alto da varanda. A vista é perfeita, uma estradinha de pedras encaixadas, lojas, bares, restaurantes, música ao vivo, pessoas caminhando pra lá e pra cá com roupas de outono e, por segundos, me transporto à outra dimensão.

— Hã? — digo, quando Cassiano me cutuca. Não respondi ao xaveco e acho que ofendi Ju por isso. — Obrigado — e acho que pioro o constrangimento.

As brejas chegam com meu refrigerante, e a sorte é que o patrão tem me pagado por diária. Mesmo assim, preciso controlar o que vou beber (sem álcool fica bem mais fácil).

Depois de falarem de todo tipo de sexo, de homens, de “xoxotas” e fazerem cara de nojo com traços característicos da personagem montada pela cultura, não sinto vergonha. Admito, sentia antes, alheia, por pessoas como eles: felizes e livres de si, livres do inferno que são os outros. Eu rio e me sinto inexperiente da vida, das coisas que fiz, das histórias repetitivas que criei (beber, fumar, cair, levantar, chamar o namorado, querer beijar o namorado, o namorado dizer “*não, vai acordar meus pais, eles não sabem de mim que nem os seus*” e acordar em casa porque fugi puto do quarto dele no nascer do dia).

As gramas dos meus vizinhos de cadeira, mesmo a do Ju, que me olha do outro lado da mesa, parecem mais verdes.

Nasci de novo. Sei que tenho tempo. É por isso que levanto meu copo e brindo com eles, tornando a noite mais colorida e os papos mais pessoais. Stéfani conta que montou uma pecinha de teatro, vestiu as roupas da mãe e rachou o bico deles assumindo, aos treze anos, que ele/ela (não sei definir, então não vou definir nada indefinidamente) gostava mesmo era de meninos. Ficou tudo bem.

Sílvio foi curto e grosso: o flagraram recebendo sexo oral de um garoto que morava na rua, amigo de infância, aos vinte anos. Tomou porrada do pai, cuspidada da mãe, e virou nômade na casa de amigos até se estabelecer como engenheiro químico, o que aconteceu logo depois.

Ju é órfão, então teve de se virar sozinho muito cedo. Não passou pelo ritual de sair do armário e agradece. Como eu, todo mundo na mesa percebeu que ele não parece grato por isso. Foi quando minha culpa por julgar o comportamento que ele *veste* piorou.

Cassiano é assumido desde sempre, mora com a avó (que *ama* Stéfani) e diz que ela é “simplesmente fabulosa”. Acho cômico, mas o silêncio que fica depois do relato parece ser a deixa para eu contar minha história. Então o faço.

— Você não é hétero? — e tá todo mundo surpreso. Até eu, por ninguém ter se tocado de que sou gay.

— Não — nego, assustado com os olhares de incredulidade.

— Você não retribuiu quando te cantei — Ju justifica.

— Sou gay, mas não tô interessado em você — parece uma frase inofensiva na minha mente, mas para alguém com o escudo de ego do tamanho do de Ju, soa ofensivo pra caramba. — Mano, desculpa, saiu totalmente errado da minha boca — mas já era. Ju tá puto e a mão dele tá tremendo. Me sinto terrível e antes que tente me desculpar mais, Cassiano toca meu ombro e se levanta:

— Vamos fumar um cigarro lá fora? Vem comigo.

Vou, fugindo do que dizer. Contemplo como é se sentir assim, meio de escanteio, e minha intenção não era magoá-lo.

— Não fumo — Cassiano diz enquanto descemos as escadas da varanda para o estacionamento do bar.

— Nem eu... Dei mole — reclamo pra dentro.

— Não, relaxa — ele usa uma voz doce e explica o que eu já sabia: — Ju se ofende por qualquer coisa, é uma pessoa difícil de lidar no começo, mas você se acostuma. Ele não demonstra nem nada, mas acho que se sente muito solitário. A vida dele foi muito assim, desde cedo, e as coisas não parecem funcionar no âmbito emocional, começando pelos pais...

— É, eu ouvi — levo a mão à testa e fecho os olhos. Suspiro para o céu abundantemente estrelado e seguro as cadeiras depois, como um adulto faria.
— Desculpa estragar a noite —

— Não, você não estragou nada. Na verdade, você meio que tornou tudo um pouco mais interessante — e antes que eu pergunte o porquê, Cassiano me pega pelo braço e me arrasta no escuro, para debaixo do poste mais distante, entre os carros. Ele arregala os olhos estourados de nerd e pinta

naturalmente as bochechas de rosa para me contar um segredo inocente: — Tem um cara na segunda mesa à nossa direita que não tira os olhos de você. Acho que tá interessado, ficou esperando você olhar de volta e tudo. Só te chamei aqui como desculpa pra contar, porque você nem reparou nele.

— Certeza de que ele não tá dando em cima de você?

— Certeza, ele tava olhando pra *você*. Quer que eu vá na mesa dele? Posso ser discreto — ele interrompe a fala quando vê que estou rindo. Ri de volta e confirma: — *É sério*, ele tava olhando pra você!

— Tá, ok, mas, sei lá... não tô procurando isso.

Ele fica em silêncio e me analisa. Não sei o que está pensando, mas a expressão pacífica no rosto sem marcas, sem espinhas, apesar da gritante cara estereotipada de comportado, faz com que eu me sinta à vontade para sustentar o olhar. Ele pergunta em cima:

— Como você tá?

Bug no meu cérebro.

Não sei o que responder. Quase gaguejo:

— Bem... Eu tô bem. E você?

— Não, sério — e o rosto dele parece de adulto agora. Meus olhos se molham um pouco e fungo o nariz para não me entregar assim. — O que te motivou a sair de casa? Não falo pra ninguém, mas sou meio sensitivo — confessa. — Sinto as coisas, acredito que as estrelas falam e que *nada* é por acaso. Eu sinto essa tristeza emanando de você, mas não sobre seu presente, e sim sobre o passado. Se não estiver confortável pra falar, não se sinta pressionado, tá bem?

Olhando essa cara paciente, não me sinto pressionado a nada. Algo como intuição ou, sei lá, qualquer merda do tipo, diz que eu posso (e devo) contar para ele o que me moveu a sair de casa. Começo com:

— Minha vida era de plástico, meus pais, meus desconhecidos amigos e meu namorado não conseguiram aceitar minha homossexualidade e, conseqüentemente, deixei de aceitar também. Tentei suicídio porque... morrer parecia a coisa mais natural a se fazer. Sobrevivi e, depois de três dias apagado, acordei diferente. Fiquei drogado por, sei lá, mais de uma semana, sentindo os efeitos do remédio, mas assim que pude me erguer, decidi mudar tudo. Peguei minhas roupas, achei um destino... Furti dinheiro do cofre do meu pai, deixei um bilhete e fui embora pedindo carona. As coisas se acertaram depois. Hoje. É tudo recente, coisa de dois meses.

Ele espera alguns segundos, absorvendo a informação sem criticar ou olhar torto. Há algo amargo na maneira com que para de me encarar e estaca os olhos nos próprios tênis como se uma memória ruim lhe cruzasse a mente. Porém, não há nada disso quando levanta o rosto para indagar:

— Que remédio você usou?

— *Gardenal*. Vinte pílulas com vodca.

— Minha avó toma. É pra convulsão, né?

— É, dopa o sistema nervoso. Poderia ter morrido por insuficiência respiratória, ficado em coma ou acordado cheio de sequelas, mas tô inteiro. Não lembro de nada.

— Peculiar.

— Peculiar — repito.

— Tem certeza de que não quer que eu fale com o menino? Posso mostrá-lo a você e esperar ele ir ao banheiro, aí o cerco sutilmente. Tá com dois casais na mesa, sobrando.

— Não precisa, de verdade — mas a curiosidade matou o gato, tipo, sete vezes: — Mas quero saber quem é esse cara. Pesquisa antropológica — caçoo de mim mesmo.

— *Claro* — diz, me acompanhando de volta à mesa —, pura pesquisa.

O que me faz pensar não é só a facilidade de ter encontrado pessoas incríveis como ele e ter vivenciado uma experiência que nunca cheguei perto em todos os vinte e um anos em que apenas existi. O que me faz pensar além é que meus desconhecidos amigos nunca perguntaram como eu estava.

Não posso culpá-los.

Se tivessem perguntado, eu teria esboçado um sorriso falsamente perfeito e dito: “*tá tudo ótimo*”.

Capítulo 6

— E aí, veado?

— De boa.

— Filho, como você tá?

— Bem, mãe.

— Tudo bem se eu te apresentar como amigo?

— Tá.

— Que cara de cu! Muda esse humor, porra!

— Sussa.

— É bar hétero, então não se beijem nem essas viadagens.

— Claro.

Capítulo 7

— Eu não queria ter dito aquilo daquela maneira — é a primeira coisa que falo quando voltamos para a mesa e Ju sacode a mão com o celular empunhado. Tenta sorrir como quem diz “*deixa o assunto morrer*”, mas não tá nada morto dentro dele. Tá ali, martelando meu jeito escroto de ter dito “*ei, não tô interessado mesmo em você*”.

É a primeira vez desde que entrei no carro que Sílvio se mostra menos fechado. Pode ser por causa das várias e várias brejas que estão bebendo rápido demais. Dá pra ver que Stéfani já perdeu a linha do bom senso — o que não é ridículo, mas muito engraçado: “*vamos pra um karaokê! Vamos, gente, vamos!*”.

E Cassiano, ao meu lado, faz questão de *não* disfarçar ao me mostrar o tal garoto que vem me secando — e que eu nem imaginava. Paqueras na vida real não faziam parte da minha rotina, e a busca por um novo romance, especialmente esses que duram uma noite (e que nunca tive), não está no meu planejamento.

Quando o rosto bolachudo de barba me pega o encarando, viro pro lado e disfarço, mexo na latinha de refrigerante perto do meu copo vazio e tento lembrar de como *não é* engraçado o fato de que amanhã eu trabalho cedo.

Duas rodadas de breja depois e Cassiano é a pessoa com quem mais converso, enquanto os outros três se revezam no assunto e refletem sobre escolhas ruins (mesmo que o unicórnio incrivelmente maravilhosamente insanamente fantástico chamado Stéfani pareça um raio de luz e faça piadas de rachar o bico).

Começa a sessão de despejos emocionais de péssimos amores. As risadas desaparecem e o silêncio chato é ocupado por goles cheios, como se cada um fosse uma maneira melhor de desaparecer do que, *de fato*, desaparecer.

E aí o rosto de Cassiano expressa um monte de tristeza e eu fico sem entender, porque nós dois somos os mais sóbrios e até então a gente estava numa vibe diferente da dos outros. Quando os dois casais e o rapaz de barba passam por nossa mesa e caminham sem pressa para o estacionamento, entendo o porquê de Cassiano ter ficado triste: por mim.

Gostaria que ele entendesse que tô dizendo a verdade, que a última coisa na minha mente é me envolver com alguém, mas ele parece romântico, feliz em bancar o cupido. Feliz em deixar as pessoas felizes. Acho que é por isso que gosto dele e senti essa conexão retornando.

O cara não me olha quando passa, mas o observo no estacionamento. Talvez nem fosse gay, só estivesse curioso. Digo isso para Cassiano, que retruca:

— Ele é gay, tava doido pra você olhá-lo de volta. Certeza.

Acredito e não acredito ao mesmo tempo. Nem sei por que fico triste também.

— Tudo bem, ele nem é meu tipo — tento me convencer em voz alta usando uma frase escrota, porque nem sei se acredito em tipos, mesmo que o corpo arredondado de um gordinho proporcional não seja ao que me acostumei quando namorava um gay-pseudo-hétero-de-academia-e-futebol.

O que digo não me dá direito de criticar o estilo de vida de Ju, afinal, todos somos um pouco dele, um pouco de mim, um pouco da Senhora Botijão de Gás do mercado.

— Oi, com licença — o garçom interrompe o silêncio depressivo da mesa e parece falar comigo. Ele diz, sem jeito: — O moço que acabou de sair pediu para entregar isso aqui a você — e me dá um guardanapo dobrado onde posso ver as marcas da caneta esferográfica do possível recadinho.

Velho, ninguém *nunca* fez isso por mim e percebo que nunca fizeram por ninguém na mesa também, já que a iminência de algo surpreendente ao me assistirem desdobrar o guardanapo levanta o humor de todos (e apenas a curiosidade de Ju).

“Por que não me olhou?

Me liga se quiser conversar”.

E nem acredito que isso está acontecendo. Tá todo mundo rindo, zoando e fazendo barulho na mesa, enquanto Ju fuma um cigarro apontado para o estacionamento. Meus olhos, lisonjeadíssimos, caçam o carro dele para saber se me assiste de longe — mas não, ele já foi embora e deixou o número de telefone comigo.

— Vai, liga — Cassiano me oferece o celular e eu não sei o que fazer a não ser gargalhar de nervosismo e alegria. Ninguém nunca me cantou assim! Muito menos com uma cena de filme. É a arte que imita a vida, não o contrário.

— Não, não vou ligar — digo acima das risadas, tímido, e eles não entendem. — Não tô procurando rolo, falei sério.

— Mas ele tá procurando você! — Stéfani fala alto e com voz de taquara rachada, fazendo biquinho. Percebo resquícios de brilho labial na boca fina.

— Liga, Eduardo. Ele era gatinho! Pode ser seu príncipe encantado — Cassiano não tá zombando, está delirando na minha frente. Afasto o celular:

— Não vou ligar, gente — e ele fica triste por mim de novo.

— Se você não quer, eu quero — e quando Stéfani levanta para tomar o guardanapo da minha mão, quase cai ao retornar ao lugar. Em vez de preocupados, todos riem (inclusive ela, porque agora é mais “ela” do que “ele”).

— Acho que tá na hora de irmos — Cassiano fala sobre a mesa e o silêncio começa a torturar de novo. Como ninguém protesta, ele leva os dedinhos de bebê ao ar e sinaliza para o garçom. Pagamos a conta, nos

levantamos, e ajudamos os outros a chegarem no carro. Ju parece mais bêbado de pé do que sentado e Sílvio explica:

— Tequila. Tomamos uma rodada depois do seu micão.

“*Do seu micão*”, repito mentalmente. Não parece que está jogando na cara, mas querendo explicar o que houve para eles estarem tão mais bêbados que Cassiano.

— Ninguém está em condições de dirigir — digo, batendo a porta de trás onde as três divas da cana se recostam umas nas outras: Ju no meio e Stéfani irritando Sílvio com uma interpretação miada da música “Fascinação”.

— Você dirige — Cassiano me avisa e se tranca no banco do carona. — Sabe dirigir, né? — pergunta pela janela.

— Sei — “*mas nunca fui muito bom*”, gostaria de acrescentar, mas por que falar uma coisa dessas?

Pego as chaves, dou partida no carro, e a estrada é tranquila. Deixo todos em casa, guiado pela sobriedade mole de Cassiano ao efeito retardado das brejas. Decido levar Ju para a minha quitinete, pois o cara dormiu no banco de trás e apesar do salão-casa dele ficar a dez minutos a pé de onde moro não tô a fim de andar.

O ajudado a chegar no colchão, ele se arrastando feito zumbi. O deito ali, escovo os dentes e tomo um banho para, quando acordar — talvez atrasado — não ter que tomar correndo.

Deito ao lado dele, que se mexe e balbucia alguma coisa com o bafo de breja e morrinha de cigarro. Viro para ouvir com um “*quê?*” e ele tenta me beijar com a língua pendurada por cima do lábio. Me recolho numa reação bruta.

— Para — peço, sendo dolorosamente mais grosseiro. — Ju, te acho muito legal, mas não tô querendo nada com ninguém.

Menti sobre o “*muito legal*”, mas precisei remediar a situação, não concorda? Preciso entender o nervosismo que me atacou. Beijar outro homem é uma experiência proibida e realizadora, mas não quero que meu “*segundo primeiro beijo*” seja com alguém que meu corpo repele. E ele meio que roubou isso de mim agora, a aceleração no meu respirar que eu queria guardar para outra pessoa. Tirou meu direito de me preservar. De escolher.

— Eu... — e ele para de falar. Inspira rápido e soa tão triste que meus olhos enchem de água depois de arderem do nariz à carúncula lacrimal. — Me sinto sozinho — a voz arrastada de bêbado afunda numa melancolia familiar. Quando eu estava triste, nunca ouvi minha própria voz resmungar, não tinha pra quem falar, não precisava abrir a boca.

— Vim pra essa cidade porque cometi suicídio — conto sem ter certeza de que está me ouvindo. É uma tentativa clássica de tentar fazê-lo se sentir melhor dizendo que minha vida conseguiu ser pior. Não cura nada, nunca vai curar a solidão que sente, mas pode servir de exemplo. Se eu não fizer minha parte, sinto como se não precisasse, de novo, *existir*. — Posso dizer que sozinho você não está, não como eu estive. Seus amigos são impagáveis, mas talvez você esteja esperando chegar no Canadá a chuva da África — e considero minha analogia tão pobre que fico embaraçado no escuro.

Espero resposta. Espero que continue a se abrir como fez ao admitir que se sente só. Acho que ouço um ronco... causa perda. Retorno a cabeça ao travesseiro e passo os olhos fechados pelos acontecimentos do dia.

Me arrependo de não ter ficado com o número do garoto.

Capítulo 8

Quando acordo, acordo sozinho. Não perco tempo entre meus sanduíches da manhã e a jornada de trabalho até as catorze horas desse domingo. Das janelas de vidro vejo o carro de Ju estacionado na frente do salão, e o mesmo conversando com alguém, rindo. O cigarro cria uma névoa que morre e renasce rapidamente contra o manso vento. Ele maquia a solidão e nem o cigarro consegue ser mais venenoso que isso.

Dois minutos antes de eu sair pela porta no fim do meu expediente, o *Santana* do Síndico estaciona na entrada e meu sangue congela. Não veio ao mercado para comprar nada, o lugar já fechou. Será que vai me despejar por ter dito que sou gay? Ou fazer cena? Ou tô pirando?

Seu Lúcio desce do carro e faz sinal para que eu vá falar com ele. Engulo seco mas ele parece calmo. Não tem ar assustador, mas há essa aura de respeito ao redor que faz com que eu entenda que independentemente dos pensamentos que nutre acerca de minha vida pessoal, não se parece com a Senhora Botijão, que tá saindo pela porta de vidro agora, sem responder meu “*tchau*”.

— Tem compromisso agora? — ele pergunta. Eu balanço a cabeça negativamente. — Quer almoçar lá em casa?

— Tem certeza? Digo, eu...

— Me desculpe pela maneira com que reagi ontem, não estou habituado — se adianta. — Tudo que eu disse continua valendo e minha princesa gostou muito de você, assim como minha esposa, então seria mais um favor pra eu ficar com a consciência tranquila do que pra te dar o que comer — brinca.

Ao mesmo tempo em que considero a situação esquisita, reconheço essa honestidade, um carinho que me toma e faz com que eu relaxe os braços e aceite o convite. A comida de Lúcia (ainda acho incrível eles terem o mesmo

nome para gêneros diferentes) consegue superar minhas habilidades de “*cheffduiche*”, e essa é uma boa desculpa para uma boca livre sem limites.

Não só por isso. Eu seria hipócrita se não aceitasse. Minha volta à vida ensinou um valor supremo e simples, mas que fica recessivo entre os genes de masoquismo que o ser humano desenvolve pra si: receber amor das pessoas até onde elas podem amar.

O Síndico tá me dando isso. Lúcia enche meu prato de bife, arroz e batata frita com a entrega de quem se preenche ao satisfazer o outro — um estranho, no caso — e todos são tão espontâneos e livres quanto a reação de Lucianinha, que ao me ver pede colo, exige sentar ao meu lado na mesa e desenha rosas e mais rosas, como se montando um jardim de lápis de cor num mundo de aquarela só pra mim.

Vida é isso. É *só isso* e nada deveria importar mais que esse basta de vontades e motivações. Roupas, carros, carreiras, estresse, não valem tanto quando você tem a quem amar, e me seguro para não debulhar em lágrimas todas as vezes que me abraçam com atitudes. Pra ser sincero, até parei de me perguntar o porquê de fazerem isso.

Segundos depois de atender o celular que interrompe meus pensamentos, Síndico nos avisa que precisará sair, calçando os sapatos para abrir a porta:

— Deve ser um cano entupido na Fatinha. Não vou demorar.

Ele não deixa de beijar a filha e a esposa antes de sair, assim como não dispensa o apertão que pressiona em meu ombro.

Ao som do carro partindo, Lúcia pega minha mão sobre a mesa:

— Gosto do seu olhar — confessa. Fico surpreso pelo que ela diz e não sei o que fazer com “meu olhar” perdido, mas quando retoma as palavras, não consigo deixar de encará-la: — O Lúcio tem me dito que não sabe explicar o porquê de se preocupar contigo do jeito que se preocupa. Você não são familiares, nunca se viram na vida, mas ele ficou tão sentindo pela maneira que agiu ontem que mal consegui dormir. Ficou me perguntando “*isso muda o quê? Muda o quê?*” e a gente chegou à conclusão de que não

muda nada, não faz diferença. Eduardo... — ela estaca e olha para Lucianinha, desenhando no chão como se fosse ainda mais nova, um bebê maximizado. — Ela é como um filtro. Ela sente o que nós não conseguimos por causa dos receios. Lucianinha te adorou e acabou confirmando o que ele já havia sentido, o que eu tô sentindo agora. Seja para o que precisar, passe aqui. Se precisar ligar pra alguém, se precisar de carona ou só conversar, diz pra gente, tá bom? Não sei quais problemas você teve com sua família, mas não consigo entender como alguém deixaria você ir embora. Se fosse meu filho, eu não deixaria.

Meu choro vira uma poça nas costas da minha mão esquerda. Um sorriso me corta em dois quando Lucianinha me entrega o desenho que acabou de fazer com a empolgação de quem achou pérolas na calçada.

No desenho, eu e ela estamos de mãos dadas num campo fluorescente, amarelo, que transborda rosas coloridas sob um sol-emoticon tão feliz quanto essa criatura que cata em meu rosto cada ruga de alegria.

Pego-a em meu colo para um abraço e um monte de beijos estalados que a destrói em gargalhadas típicas de crianças que não querem saber por que estão rindo, apenas que estão.

Aí compreendo que a vida é feita de pequenos milagres.

Capítulo 9

Ele pergunta se tenho certeza. Respondo que a única certeza que tenho é que dói tanto em mim quanto doerá neles. Ele pergunta se estou fazendo isso para provocá-los. Respondo que estou fazendo para não me sentir um criminoso. Quando estaciona no meu condomínio, pergunta pela última vez se tenho certeza. Respondo que neste minuto a única certeza que tenho é a de que se eu não tivesse nascido, não seria necessário.

A culpa não é minha.

A culpa não é minha.

A culpa não é minha.

Não me convenço.

— Douglas é meu namorado — e meus pais já sabiam que eu ia dizer isso. Olho para meu namorado buscando qualquer apoio e ele parece querer pular pela janela. O garoto levemente musculoso, levemente estúpido, pesadamente amedrontado pela reação das duas pessoas que entenderam o “*assunto sério*” que eu queria tratar quando pedi para que sentassem e mantive um homem ao lado.

A ausência de sons é longa. Não se ouve respirações, mesmo que o peito dos meus pais infle e murche numa velocidade terrífica. Acho que minha mãe vai morrer do coração e quem tá inchando e esvaziando agora sou eu, de nervoso, de vergonha, de arrependimento. Do vácuo, é ela quem fala primeiro:

— Você deveria pensar duas vezes antes de jogar... — aí as lágrimas pulam e a voz dela treme epileticamente — uma vergonha dessas na nossa cara! — ela levanta e me estapeia. Minha cabeça esquenta. Minha mente se esvai.

Quando dou por mim, estou no hall do térreo, sentado numa das poltronas que ninguém usa. Talvez seja para isso que essas poltronas sirvam nos halls de condomínios, para os dias em que seu pai pede para você esperar fora de casa, depois que você apresenta seu namorado tentando respeitar o pacto de honestidade com aqueles que te criaram, te amaram.

Gostaria do abraço de meu namorado agora, mas ele tá na outra poltrona, um vaso de plantas nos separando, e me nega por medo de meu pai nos ver. Ele não é assumido e acho que a reação dos meus pais vai impedi-lo de se assumir para sempre. Nem sei muito bem por que estou com ele, recebendo meio-amor, já que odeio os “*meio*”.

Então meu pai desce e não consigo entender o que ele quer. Fiz o que pedi, virei um “*gay homem*”, com namorado tão “*homem*” quanto eu, que joga futebol, que malha, que não tem amigos gays, que tem uma vida monótona, comum e rasa. O velho não me encara e, com a cabeça baixa, se desculpa para Douglas, pede para que vá embora.

Imaginei todo tipo de coisa para uma situação como a que acabou de acontecer lá em cima, inclusive uma fantasia onde eles me abraçariam e diriam que minha sexualidade não importa, que eu continuaria sendo o filho querido para toda a eternidade.

Só não imaginei que meu pai seria o educado menos incompreensível que a mãe que marcou as unhas no lado esquerdo do meu rosto, e fez meus olhos chorarem toda compreensão de amor que eu achava ter. Entendi que minha vida era uma peça de teatro que ninguém queria assistir, mas que eu insistia em estrelar.

Douglas sai do hall sem se despedir e desaparece no carro. Meu pai fica de pé, me assistindo chorar em silêncio, e ainda tenta me amparar. Acho que nesse dia ele viu que as coisas não eram fáceis pra mim também.

— Sua mãe não... ela não quis dizer aquilo, ela não quis te bater. É coisa da raiva, do momento. Sobe, fica no seu quarto por uns dias e deixe as coisas se normalizarem. Só... — ele pausa. Respira. Não me olha. Ainda não me olha. — Só não faça mais nenhuma bobagem. Deixe as coisas se normalizarem.

E sobe. E some. E eu fico, e eu choro o triplo porque sei que foi de raiva que ela fez o que fez, mas foi naquela brecha de momento que pude perceber os reais sentimentos da mãe pelo filho que a decepcionou por não controlar a capacidade de *amar* pessoas.

E se eu dissesse que estava viciado em cocaína? Ou se dissesse que matei alguém? Será que me odiaria tanto quanto me odiou por querer *amar* e *ser amado*?

Nada faz sentido e não subo pro quarto. Ligo pro namorado pra pedir abrigo: não atende. Ligo pro Victor e ele tá com uma galera no apartamento. Pergunto se pode pagar o táxi pra mim quando eu chegar, que tive um monte de problemas e tô sem a carteira. Diz que não dá.

Claro que dá, ele não quer, não liga.

Vou até o porteiro depois de enxugar os olhos e peço dez reais emprestado. O cara pergunta se tô bem e preciso domar leões para não sentar no chão e derreter. Ele me dá o dinheiro e chamo um táxi. Me olha espantado, preocupado, e eu sempre caguei pra existência dele quando passava com o vidro levantado, invisível na proteção do insulfilme.

Quando chego no Victor, tá todo mundo fumando maconha. Ninguém liga se estou ou se não estou. Tem um monte de garrafas de vodca, vinho e conhaque em cima da pia, copos que não acabam mais.

Ele pergunta se quero fumar.

Fumo.

Ele pergunta se quero cheirar.

Cheiro.

Ele não pergunta se quero morrer.

Mas quero.

Capítulo 10

Tenho um sonho tão real que acordo sem saber o que é ilusão. Só depois que refaço minha rotina de montar meus sanduíches, tomar banho e escovar os dentes, é que aprecio a tangibilidade da dimensão que criei ao sair de casa.

No sonho, eu e minha mãe discutíamos por um motivo que não lembro. Em vez de triste, como sempre ficava, senti raiva. Despejei nela todas as verdades que fui obrigado a ouvir ou persuadido a entender por indiretas dolorosas e, quando tentou falar mais alto que eu, gritei um palavrão que também não tenho certeza de qual foi. Ela esbugalhou os olhos como se fossem saltar em mim; escancarou a boca como naquela pintura, “*O Grito*”, e segurou o coração. Antes que me preocupasse, despencou ao chão e me desesperei, gritando por ajuda numa casa vazia.

Não entendo os significados místicos ou psicológicos desses delírios, mas a sensação foi tão ruim que a única cura para o mal-estar pesando no meu estômago, fechando minha garganta, foi quando meu chefe passou por mim com um sorriso roliço, deu dois tapinhas nas minhas costas e falou, sem parar de andar:

— Animado com sua primeira folga?

Se ele não tivesse lembrado, eu teria esquecido. Depois de três semanas trabalhando feito louco vou ganhar minha primeira folga! Velho. Minha. Primeira. Folga! No. Primeiro. Trabalho. De. Verdade!

Não poderia estar mais orgulhoso de mim.

Pra melhorar, o chefe rodopiou no pé e voltou para acrescentar:

— Segunda a gente conversa, coisa boa pra você.

Penso em agradecer por me lembrar da folga, de beijar toda a cara dele, mas o sorriso na minha própria diz tudo. Soube que ele era muito pobre, não tinha nada, e começou a vender bolacha pra sustentar a família. Hoje o cara tem esse mercado e uma oficina mecânica. Escolheu a vida que queria.

— O que vai fazer na sua primeira folga? — Raquel, a menina para qual as outras moças do trabalho contam as fofocas, mas que chamam de piranha pelas costas, me pergunta para preencher o vazio entre o caixa e a cauda do balcão.

— Combinei de ir pra uma balada com o Cassiano e uns garotos — ela sabe de quem estou falando e sei que não é agradável para nenhuma delas perceber que, bem, sou amigo das “bichas”. O propósito é provocar essa constante falta de noção ao julgar o que elas não se interessam em conhecer. Pra mais, ainda pergunto: — Quer vir?

— Não... — e a conversa acaba com o desconforto dela e um sorriso simpático meu.

O Síndico vem me buscar todos os dias para almoçar com a família dele, virou tradição. Lúcia também prepara jantar para mim todos os dias, numa vasilha de plástico que esquento no micro-ondas emprestado por eles, sem medo de câncer. Lucianinha não desgruda de mim e penso em ter filhos um dia por causa dela.

— Vai fazer o que hoje? — ele pergunta à mesa.

— Os meninos querem me levar numa balada aí, decidi ir.

Saber disso não os deixa desconfortáveis. Na realidade, eles formam a família mais perfeita que conheci, e Lucianinha não sabe a sorte que tem por ter nascido no lugar ideal, protegido do mundo cheio de tubarões com pernas.

— Não enche a cara, hein — ele adverte. Não como moralista, mas como um conselheiro.

— Só bebo água — o casal ri, achando que é piada, e eu confirmo, rindo sozinho: — Sério, só bebo água. Bebida sempre foi máscara pra depressão, passava dias me drogando. Não quero deixar de olhar pra mim, quero aprender a me divertir de maneiras mais saudáveis, mais sinceras.

Porque já contei para eles *tudo* sobre meu pretérito e a única coisa que espero do futuro: paz. Enquanto isso, é só o presente que importa, esse almoço, essa família que me acolheu sem olhar meus dentes.

— Faz bem — ele dá um sorriso de admiração e voltamos a enfiar as caras nos pratos, a rir das dancinhas de Lucianinha numa música que ela mesmo inventou (e que está cantando).

Quando terminamos, penso no sonho e no momento que tenho agora. Talvez seja hora de dar sinal de vida, de dizer como estou. Pergunto se posso usar o telefone para ligar pra casa que não é meu lar, sem deixar de me sentir culpado pela ligação para outra cidade, mesmo sabendo que eles podem pagar por isso.

É minha mãe quem atende.

— Oi, mãe. Sou eu. Preciso falar rápido, tô usando o telefone de um amigo. Estou na cidade Estrelas, no interior do Rio, e tô bem, tô trabalhando, moro sozinho e tá tudo certo. Tenho pessoas ótimas me ajudando e não quero vocês preocupados, ok? — mas ela está. Juro que a ouço chorar do outro lado da linha, mas com a falta de manifestação por parte dela, me convenço de que é defeito da ligação. — Alô?

— Não vai voltar pra casa? — ela questiona com a voz mole. Eu sorrio por saber que me quer em casa, mas não tenho outra resposta pra dar a não ser:

— Vocês podem me visitar quando quiserem.

— Tá. Não, tudo bem, tudo bem. Acerte sua vida, meu filho. A gente tá bem, estamos nos virando bem.

— Fico feliz. Sério, não se preocupe. Preciso desligar.

— Vai lá, tudo bem.

— Tchau, mãe.

— Tchau, filho.

E por mais que a tenha perdoado, ainda não sei se a amo, por isso apenas repouso o telefone sem fio na base, coloco meu avental, escovo meus dentes e digo ao Síndico:

— Tô pronto.

E ele me leva de volta ao trabalho, pra longe da expectativa de que ela, numa possibilidade sonhadora, me *implorasse* pra voltar. Ou que dissesse que me ama.

Às vezes espero por neve no deserto.

Cassiano chega na minha casa três horas mais cedo do que combinamos para Ju nos buscar. Ele tá com uma camisa polo cinza, listrada de azul, uma calça jeans cansada de ser lavada na máquina, e os tênis de sempre, sem mochila. Sem nada, na verdade, além de uma pasta debaixo do braço e uma caixinha amarela, a qual ele traz à altura dos meus olhos ao entrar:

— Já assistiu *Glee*?

— Não — fecho a porta e seguro a box. — É série?

— A melhor. É sobre alunos perdedores do ensino médio americano que se juntam num clube de coral pra cantar em competições. É musical.

— Parece bem... — aposto que você tá pensando que vou dizer “gay”, certo? — *Chato*.

— Vai mudar a sua vida.

E mudou. A série é tão deliciosamente empolgante que *necessito* reencontrar meu gosto musical. O que achei que fosse uma pasta debaixo do braço dele é o notebook em que assistimos sobre minha cama inflável, nivelada pouco acima do chão, com nossos sanduíches cortados em triângulos de piquenique na cena mais legal de entretenimento com um amigo. Meu primeiro amigo de verdade.

Esse encantamento por uma série que meus desconhecidos amigos julgariam como “*gay pra porra, velho*” dura essas três horas em que o mundo não existe. A possibilidade de sairmos dos edredons para a balada me incomoda: quero ficar aqui, ouvindo-o cantar e imitar a líder de torcida loira. É suficiente para que eu me considere um cara realizado no setor de amizades. É a qualidade que importa, não a quantidade, e eu gostaria muito que meus desconhecidos amigos parassem pra pensar nisso.

Não só sentar no sofá pra assistir *Os Simpsons* e dar umas risadas chapadas. Não só deixar a TV fazendo barulho no fundo do apartamento. Gostaria de mostrar para eles como é bom reconhecer o ambiente em que você se encontra com alguém que compartilha interesses, que está a fim de conhecer os seus e apresentar os dele pra você.

É tão simples na minha cabeça... Como pude deixar tanto tempo *apenas* passar? Sobrevivendo? Como a gente se engana e desperdiça oportunidades por medo de nos assumirmos para nós mesmos? Temos medo de nos identificarmos à parte da massa que segue o mar de gente, medo da rejeição de quem pouco se importa. Perdemos momentos maravilhosos como esse, que saciam. Que somam.

Há quem se sintam assim na balada. O que não é meu caso e Ju já quer jogar na cara:

— Tá constipado, Eduardo?

— Nunca entrei numa boate gay — confesso, respirando a doce fumaça dos cigarros mentolados misturados à umidade que desce do céu noturno. É

o mesmo cheiro da juventude nos bares a céu aberto de São Paulo. Deve ser o mesmo cheiro em todo lugar.

— Não vai querer sair — Stéfani diz, e pisca para Cassiano. Percebo algo no ar.

— O que foi *isso*? — indago com suspeita e eles riem. — O que essa piscada significa?

— Não me odeie, mas convidei o menino do bar, lembra? — Cassiano pega minha mão e vai me puxando. — Stéfani é safada e guardou o guardanapo. Pensei em chamá-lo pra vocês trocarem uma ideia. Não adianta dizer que não quer. Eu até respeito e entendo — Cassiano me para na frente do clube, com uma pequena fila de muitos homens e poucas mulheres —, mas sinto esse... *bloqueio*. Sei de como era com seu ex e que ele deixou uma péssima impressão, mas parte dessa nova vida não é experimentar as coisas de maneiras diferentes? Vocês não precisam ir pra cama, só dê “oi” pro cara.

Isso. É. Difícil. Eu sou tímido, merda! Tenho vontade de rir e chorar, de correr de volta pra cama e ficar por lá mesmo, escondido. Só que Cassiano me abraça e diz:

— Ele tá atrás de você — arrepio. — Divirtam-se.

E saltita para junto dos garotos enquanto eu me viro com a cara mais vermelha que a luz neon em cima da porta de ferro.

— Enfim me olhou — ele diz, irônico e simpático, e eu escaneio o local mentalmente procurando qualquer beco escuro para aceitar as trevas e desaparecer. Ele estende a mão: — Guilherme. E seu nome é Eduardo.

— E meus amigos são fofoqueiros — brinco, sentindo minha boca tremer como se fizesse quatro graus. É ansiedade e receio, mas fico feliz por Cassiano ter ligado para esse cara da minha altura, claramente mais velho, mas na mesma juventude. Ele passa a mão na barba que desce aparadinha da costeleta quadrada e contorna a boca precisamente. — Já veio aqui? — pergunto. Caminhando para o final da fila, tenho a sensação de que ando

torto, exibidamente nervoso, como se estivesse de fraldas com cocô vazando pelas abas, mas enquanto eu falar, continuarei consciente.

— Já. É legal se você curte muvuca.

— Não sou muito chegado — e identifico o sotaque dele: — Carioca?

— Nasci em Resende, mas moro no Rio. E você é paulista, mas não parece.

— “*Paulixta*” — brinco com o jeito de falar dele. — Por que não pareço?

— Tem cara de carioca.

— Tá falando sério? É por que sou bronzado? Sarado? Por que pronuncio “*ixperto*” em vez de “*esperrrto*”?

— Sei lá — ele ri como um adulto e mexe no topete seco dos cabelos escuros, de brilho fosco. Ele não é o que as pessoas definiriam como bonito nem o que eu definiria como feio. — Só não parece paulista.

A fila se mexe rápido e a gente tá quase entrando. Sei que eu deveria experimentar as coisas nessa nova fase, mas duvido que minha experiência dentro de uma boate gay seja muito diferente do que vivi numa boate hétero.

São as mesmas pessoas, antagonicamente diferentes umas das outras, procurando companhia, bebida, aventura, amor, risadas. O que muda mesmo é a direção para qual olhos apontam, e só. Talvez a música... e só também.

Não quero mais entrar. Quero fazer outra coisa e, sem pensar, seguro o braço dele. Guilherme me olha, esperando que eu diga algo, mas ainda estou considerando a “*não-ideia*”.

— Quer fazer outra coisa? Tá de carro? — questiono.

— Tô... O que quer fazer?

— Anda, quer ou não quer?

— Quero. Eu acho. Vamos.

Dou meia-volta, até o fundo da fila onde meus amigos estão, e aviso:

— A gente vai fazer outra coisa.

— Bebê, não vai aproveitar sua primeira vez numa boate gay? — Stéfani questiona com voz de mãe.

— Vou ter tempo. Hoje preciso fazer o que preciso fazer.

E Ju revira os olhos disfarçadamente (o que significa pouco disfarçadamente), como sempre faz quando digo algo potencialmente irritante, filosófico ou abstrato, mas que Cassiano entende de primeira:

— *Rachel Berry*, o show é seu.

Racho o bico de gargalhar: a piada é só nossa.

— Ele te chamou de *Rachel Berry*? — Guilherme pegou a piada de nós. Sacanagem.

— Chamou — respondo enquanto entro no carro cuja porta ele faz questão de abrir pra mim, e continuo: — Cas me apresentou *Glee* hoje, antes de sairmos. Víciei.

— Eu vi um pouco da primeira temporada, mas quando chegou na segunda perdi o interesse. Os perdedores começaram a ganhar, assim não tem graça. Enfim... O que faremos?

— Alguma ideia?

— Quer ir para o bar? Podemos pedir comida...

— É, pode ser.

E a gente vai rapidinho. No caminho, conta que os dois casais que estavam com ele não eram casais de verdade, mas primos, quase irmãos, únicos da família que sabem sobre ele. Todos do Rio.

— Você tem vinte e sete?! — pergunto, chocado. Ele parecia mais velho, mas não *tão* mais velho.

— Não fala nesse tom porque me sinto pré-histórico — e estaciona, os dentes se mostrando alegres. Saímos do carro no mesmo lugar em que ele estacionou da última vez.

— Meu choque é por você parecer ter, sei lá, vinte e quatro.

— Ainda me sinto velho. Chega de falar da minha idade — subimos as escadas e pegamos uma mesa vazia na varanda por sorte. O lugar está lotado —, o que *you* tá fazendo aqui?

— Saí de São Paulo porque tentei suicídio.

Momento pra explicar: sei que não é a melhor maneira de começar uma conversa com alguém que está intimamente interessado em mim, mas preciso esclarecer quem sou, sem vergonha dos erros e acertos, do que me trouxe a esse lugar como a pessoa que sou hoje. Reagindo bem ao pior segredo da minha história, ele reagirá bem a qualquer coisa.

(Também sei que é bobo pensar como se fôssemos ter algo sério. Só que mais bobo pra mim é pensar que teremos uma noite só. Os “meio” me incomodam, disso você já sabe).

Depois que conto tudo me esforçando para não parecer um psicótico pedindo atenção, Gui sintetiza com sensibilidade, me obrigando a adorá-lo:

— Você nasceu de novo.

— Mas você entendeu o porquê de ter contado?

— Entendi, entendi. Achei bom ter contado. Você tem essa... é como se desse pra ver franqueza saindo de você. Não é só por ter te achado bonito quando te vi nesse bar, mas por ter te achado curioso também. Fiquei olhando e me perguntando por que diabos eu tava fazendo aquilo.

— E qual foi a resposta?

— Ainda vou descobrir. Se prometer sair comigo de novo.

— Velho — rio —, o encontro nem começou e você já *acha* que quer me ver de novo?

— Tenho *certeza* de que quero te ver de novo. Sem parecer maluco, nosso encontro começou naquele dia, nesse bar. Sabia que te veria novamente, mesmo demorando um tempão e outra pessoa tendo me ligado. — Ele pausa para pedir uma breja e eu um refrigerante. — Você não bebe, né? Não te vi tocando na cerveja naquele dia.

— Olhe pra nós: um suicida e um stalker sentados na varanda de um bar em Penedo. Nada mais romântico.

Ele gargalha, me olha, gargalha de novo e conta:

— Me apaixonei por um menino do Rio. Ele era teu oposto: introspectivo, infeliz, apático... Pro meu azar, ele não me queria além de uma amizade-colorida, e deixou claro que não era material para namoro. Não sou o senhor do casamento, mas não sou chegado à impessoalidade. Sexo não é só sexo pra mim, um cara que trabalha, que vem de família tradicional, que busca integridade no outro porque tenta ser o mais íntegro possível. Mas ele mexeu comigo e a gente ficou algumas vezes. Até eu ligar pra marcar um sorvete na praia.

— E ele? — perguntei. Guilherme desceu o primeiro gole de breja, chamou o garçom e pediu uma porção de fritas.

— Falou que não queria mais me ver, que estava entediado e que eu merecia toda sorte do mundo para encontrar alguém que gostasse de mim, porque ele não sentia nada. Antes de desligar, disse pra eu acessar o blog dele, que eu nem fazia ideia existir. Lá ele conta histórias de todos os “*amores de uma noite*”, como ele mesmo chamava, e eu era a última atualização da lista. Conto muito bem escrito, com os nomes trocados — Guilherme não parece triste ou magoado. Pergunto o porquê. — Porque se eu não tivesse passado por ele, não saberia que é melhor ficar sozinho do que juntando pedaços de um príncipe Frankenstein. Tenho medo da solidão, até por causa da idade, mas prefiro estar sozinho do que com alguém só pela

companhia — outro gole. — Gostaria de acordar com ele, dormir com ele, sair com ele... De viver tudo, por inteiro.

— Como se chamava?

Guilherme inspira e solta as sílabas com o ar:

— Enzo.

Quase digo que meu nome e o dele começam com a mesma letra, mas acho que vai soar mais negativo que a história do meu suicídio. E aí ele retoma:

— Posso ter seu número?

— Não uso celular — digo. Enfatizar minha aversão à comunicação é mais chocante do que dizer que tentei me matar.

— *Isso é raro de ver.*

Verdade. Tem mais gente se suicidando no mundo do que abandonando o câncer tecnológico que investe em propagandas de socialização.

— Esse sou eu tentando um novo estilo de vida.

— Esse sou eu vendo a batata frita chegar e querendo fazer um convite que não deveria parecer impensado, mas é — o garçom abandona a bandeja na nossa mesa e Guilherme usa os dedos pra mastigar as coitadas tostadinhas. Imito.

— Fala logo — apresso.

— Vamos pra casa da minha avó almoçar amanhã? É em Resende, te busco umas onze horas e te trago de volta inteiro.

— Por que tão do nada? — indago, depois de uma batata.

— Não sei. Intuição?

— Não tem medo de acharem que sou seu namorado?

— Você não é meu namorado e ainda não é meu amigo. Posso te apresentar como colega — ele brinca. — Só não contei pra minha família sobre minha sexualidade porque não condiz a ninguém. É minha intimidade. Se a gente namorasse e o almoço fosse amanhã, te apresentaria como meu namorado. Não é algo que assombra meu sono. Sou independente, não tenho que dar satisfações pra ninguém.

Douglas, meu ex, nunca chegou perto de ter uma mentalidade assim, madura. Algumas pessoas realmente demoram a aprender, como eu demorei (e precisei morrer). Mas algo sempre me disse, como uma vizinha no fundo do cérebro, que Douglas passará todos os anos, até a morte, se escondendo dos outros. Porque a batalha dele não é só com o mundo de fora, é com o interno. Isso me magoa porque mesmo sem o amor a gente era *alguma coisa*. Ele era alguém que importou pra mim, meu primeiro — e único — namorado.

Isso me faz ter medo de Guilherme, por ser tão certo do que quer. Não que eu me sinta pressionado, mas a necessidade de ser mais sincero sobre como me sinto em relação a ele — ou em como quero me sentir — vem em primeiro lugar. Paro de comer:

— Não quero ser um segundo Enzo. Ainda não sei o que quero de você, apesar de achá-lo interessante. Não sei se vou querer ficar contigo ou ser um amigo, e não quero que um dia você me culpe por ter dado os sinais errados, por isso tô dizendo essas coisas.

— Eduardo — ele limpa a boca com o mesmo guardanapo que usou nos dedos —, sei que você não é o Enzo e não estou esperando muito. A gente se conheceu hoje, tenho noção disso. Só quero fazer uma pergunta, ok? Você me acha *mesmo* interessante?

Concordo com a cabeça, tímido (e com a boca cheia).

— No dia que ficar seguro pra roubar um beijo meu, roube. Porque eu quero te beijar. Muito! — e ri. — Mas se nunca acontecer, vou me contentar de ter conhecido você, o cara mais *estranho* e uma das melhores pessoas que eu já senti.

— Você me conheceu hoje — disfarço minha timidez. *É um homem me dizendo isso.* É um homem ruborizando minhas bochechas. É por um homem que meu coração está batendo tambor e minha testa sua tanto. Por que uma sensação tão inocente, que não me deixa parar de sorrir, é tão errada?

— Por isso digo que *senti* você. Parece que tô colocando carroça na frente dos bois ou que tô com uma interpretação inventada sobre sua personalidade, mas é real. Se eu for só seu amigo, ficarei contente. Enquanto colegas, te convidarei mais uma vez: vem almoçar na casa da minha avó?

Com uma batata frita entre os dedos e meu lábio inferior sendo mordido por meus dentes ansiosos para saber como essa história vai terminar, disfarço a vergonha que vaza dos meus olhos espremidos pelas maçãs risonhas do rosto:

— Tá... eu vou.

Capítulo 11

— Você é maluco, sabia? — é a primeira coisa que digo quando entro no carro depois de correr, atrasado, da minha porta ao Guilherme. — Você nem me conhece e tá me levando pra almoçar com sua família. Eu poderia ser doente e contar tudo sobre sua sexualidade. Poderia assassinar todo mundo pra comer no churrasco ou te decapitar no caminho pra Resende porque fiquei entediado com a viagem.

— “Viagem” — acrescenta aspas com os dedos antes de ligar o motor. — A gente vai levar quinze minutos pra chegar e eu não ligaria se você me assumisse. Sou são o suficiente para dizer que nenhum comportamento explicitado condiz com a incrível verdade de que você é uma das pessoas mais normais, doces e inteligentes que já conheci. Morro feliz.

Tôôô vermeelhoôô. Abro a janela e deixo o ar lambar minha cara para esfriar a fevura dessas xavecadas. Ele percebe minha timidez e torce o rosto numa expressão que não consigo interpretar. Parece admiração, não sei. Guilherme soma:

— Também acho que você precisa de ambiente familiar. Não por te considerar “*estragado*” nesse aspecto, mas vai fazer bem — ele me impede de responder: — Sabia que o psicopata poderia ser eu? Sou mais forte, tô no volante, sou mais velho, você não tem como provar se estou dizendo a verdade ou te levando para um abatedouro secreto...

— Se você fosse um psicopata, não me mataria às onze e meia da manhã. Não tem nada de poético nisso.

— Manhãs não são poéticas pra você?

— Não pra assassinar alguém.

— Seu pedido é uma ordem: depois do almoço, eu te mato.

E com uma piscadela safada que implícita segundas intenções, faz com que minha cara queime de novo e eu precise de mais (mais, mais, mais, mais!) vento lá de fora.

Acho que é tudo armado, o encontro. Os primos dele nos esperam “coincidentalmente” do lado de fora e aguardam com ansiedade minha descida do carro — que tento atrasar até que a atenção deles saia da expectativa de eu aparecer.

Os dois mesmos casais que estavam com Guilherme no bar se amontoam na minha frente e, um a um, estendem as mãos para eu apertar. Mônica, Pedro, Paulo e Vitória, todos na mesma faixa etária do cara que me trouxe. Todos simpáticos até doer nos ossos.

Quando você entra num ambiente dominado por família, é como se fosse um visitante pouco importante numa panelinha formada muito antes do universo nascer. Você tem vergonha de colocar arroz no prato, só enche meio copo de suco pra não parecer esfomeado, enquanto come não sabe para onde olhar e, pra piorar, eles conversam sobre coisas que você não imagina o que são.

Porém, gentis como quase todo ser humano que esbarrei depois de ter decidido que *eu* seria mais gentil, os primos sentaram ao meu lado, me apoiaram a encher o prato, a encher o copo, a encher a boca e a repetir.

A matriarca da família, com quinze pessoas à mesa comprida de madeira, num jardim coberto atrás da enorme casa clássica de frente para um campo de futebol, pergunta se gostei da comida. Com a boca entupida, sacudo a cabeça que “sim”. As pessoas gargalham de mim e quase engasgo tentando segurar a comida com a língua ao fazer o mesmo que eles, mas respiro com calma quando Guilherme me olha, do meu lado, e sorri como quem diz: “*isso é melhor do que morrer nas mãos de um psicopata, certo?*”.

“*Guilherme*”, eu gostaria de responder, “*isso é melhor do que morrer de qualquer maneira*”.

Especialmente pelas minhas próprias mãos.

Capítulo 12

É como se não tivéssemos o que respirar. O carro se torna vácuo quando saímos de casa com intenção de “visitar” minha avó: toda alegria vaza com a fumaça do cano de descarga.

Meu pai dirigindo sem tirar os olhos da estrada, checando o celular aqui e ali pra responder alguém do escritório. Minha mãe com o pescoço reto, olhando correr de nós a paisagem, como que uma prisioneira sonhando com a liberdade que passa pela janela, impossível de ser alcançada. Eu, no banco de trás, sem interesse em jogar videogame, sem interesse de estar vivo para entrar no apartamento com cheiro de verniz mofado e móveis escuros contra paredes beges.

Os tons de terra parecem nos comprimir uns aos outros, nos amassando numa reunião familiar que de amorosa nada tem. *Uma obrigação*. Não entendo por que me trouxeram pra essa arena. Não entendo por que meu pai quis ver a mulher que o pariu, mas que o maltratava, odiava minha mãe e nunca me deu uma só palavra de carinho.

Um câncer terminal pode transformar o Diabo em Cristo.

Ela sabe que vai morrer. Ela ouve meu pai e o filho mais novo discutirem sobre a quantidade de lixo que a mãe vai deixar quando partir, que é meu pai quem vai limpar porque, por meu tio e a esposa de plástico dele, tacariam fogo “na porra do prédio inteiro”.

Minha avó escuta e reclama sozinha. Ela deve odiar ainda mais essas crias que arrancaram dela a libertinagem e excessos de uma vida regada a álcool, dinheiro, viagens e irresponsabilidade. Uma ex-milionária chateada, rancorosa e fria feito uma afiada faca de aço. *Stainless steel*.

Das poucas lembranças que tenho dela, essa é a melhor: a última. Calada e morta, não xingaria mais minha mãe de puta.

Ou me chamaria de veado.

Capítulo 13

— Seu sotaque entrega — Mônica me diz, ao pé da fogueira, quando respondo que sou de São Paulo. Passamos o dia na piscina, comendo churrasco, jogando ping-pong e conversando como se eu fosse um convidado de honra.

Paulo, inclusive, disse que Guilherme só convidou alguém para almoçar com eles uma vez: o ex-namorado, bem antes de Enzo.

Isso me deixa tão completo que, até essa hora da noite, esqueço que tenho um passado doloroso. Cheio de aprendizados, mas doloroso.

E quando lembro, sinto um pouco de inveja em como Guilherme está com a cabeça no colo da avó, recebendo cafuné. Como a família *inteira* está ao redor do fogo. Invejo como essas crianças, agora quietas e cansadas, terão uma sustentação melhor do que a minha. Até sinto raiva ao saber que, por nunca precisarem conhecer o desapego que conheci em casa, vão cuspir na cara dos familiares que, claramente, estarão ao lado deles quando precisarem. E por terem Guilhermes, Mônicas, Paulos, Pedros e Vitória para pedirem socorro quando o planeta se inundar de merda.

Acho que estou revoltado por não ter tido sorte. Ou talvez admire tudo tão rápido que não consigo entender por que minha vida não passou a ser tão generosa antes. Isso me deprime. Não consigo conter a tristeza: ela só vem. É a primeira vez, desde que voltei dos mortos, que me sinto pela metade de mim.

— Você não parece bem — Guilherme diz, depois que nos afastamos da fogueira para caminhar na escuridão do campo de futebol.

— Eu tô — percebo que estou fazendo o que fazia antes de me matar, me esquivando. Me redimo com a verdade: — Tô um pouco triste, eu acho. Ter esse dia com sua família me fez pensar nas coisas que perdi pela minha ter

sido desfuncional e eu... eu fiquei com um pouco de inveja. Acho que vocês têm muita sorte.

— Acho que *você* tem muita sorte. Entendo que teu passado tenha sido ruim e que sua família não tenha sido *a família* , mas você tem tanta sorte por estar vivo e ser acolhido pelas pessoas, por poder escolher a própria família. Todo mundo aqui te amou, meus primos estão querendo saber quando você volta — e correu para abrandar a frase: — sem pressão, é claro... Minha avó te achou educado e fofo, minha mãe te achou lindo. Você pode experimentar isso com a maturidade que tem, já que aprendeu a dar valor a momentos como esse, mas não parece que *entendeu* as lições que se deu. Não vá embora agora, tente não ficar triste por estar no meio de tanto carinho e não se sinta deslocado. Aproveite o que tem em mãos, ok? E se faz você se sentir melhor, a família parece perfeita de longe, mas há uma boa razão de eu só visitá-los às vezes. Ninguém aguenta as hipocrisias do outro, meus tios brigam por causa de futebol e já caíram na porrada duas vezes. No fim do dia, tá tudo bem... Ninguém é perfeito. Nenhuma família pode ser, é regra de equilíbrio do universo.

Ele me arranca um sorriso e eu me encosto na trave:

— Tô rindo de você, tá? Porque desgraça dos outros não faz com que eu me sinta bem.

— Eu sei. Por isso tô tão curioso sobre você. Por isso todo mundo na mesa te amou.

Minhas narinas ardem de repente e sinto que vou chorar. Num ato estúpido, me arrependo imediatamente de abraçá-lo, ocultando minha cara no pescoço dele, necessário para esconder a única lágrima que escorreu do meu olho direito e pingou no casaco de moletom que me emprestou para ficarmos ali fora.

Guilherme está certo. Não posso ignorar o passado, nem seria saudável. Esquecer do que passei me condiciona a repetir os erros. Porém, não posso querer que as coisas, lá atrás, sejam reescritas: é impossível. Cheguei perto de estragar minha noite com melancolia por algo que não tinha como consertar em vez de escrever um novo futuro.

Se no momento ele me emprestou a família e todo o amor (e comida) que puderam me oferecer, é isso que tenho que aproveitar. Então agradeço a ele, baixinho, mas lembro que sou assalariado agora:

— De qualquer jeito, tenho que ir. Trabalho de manhã.

Guilherme me encara, analisa meu rosto e sorri, segurando minha cintura como se não quisesse que eu me afastasse do abraço.

— Fica. Te levo amanhã bem cedo, prometo.

— E se não acordar a tempo?

— São só quinze minutos daqui pra lá, Eduardo. E se perder o emprego, assumo pro seu chefe que foi minha culpa e te devolvo a vaga. Ou arranjo um emprego pra você. Ou te ponho pra limpar a casa da minha avó e ganhar uns trocados. — mesmo achando graça, fico sem base quando me olha de maneira tão intensa: — Fica.

— Se eu ficar e você não acordar, não vai ter que assumir pro meu chefe — uso um tom intimidador: — Vai ter que me assumir como namorado pra sua família.

Ele chega perto do meu ouvido e fala com propriedade:

— *Feito.*

É como se tivesse um gancho, uma força magnética me prendendo a ele. Sensação de frio e calor sincronizados, arrepiando a coluna, aquecendo minha nuca. Sinto o hálito dele bater contra meu rosto, a respiração ofegante sem fazer barulho, e não consigo resistir: colo minha boca na de Guilherme porque *preciso*.

As quentes e mastodônticas mãos me seguram sem me limitar e ele não parece ter medo de que a família seja mutante, tenha visão infravermelha, e enxergue como nos apertamos um contra o outro no escuro, como segura meu cabelo por trás, enfiando os dedos com força a partir do pé de meus fios. Não liga se verão a paixão com que parafusa minha língua na dele.

É como meu primeiro beijo. Não, não é. Só lembra. A sensação *parece* a do primeiro beijo, o nervosismo, a ansiedade, a maneira com que meu corpo demonstra interesse por outro homem sem que eu possa controlar, como o sinto sem precisar entender nada. E é quando preciso respirar.

Douglas nunca me beijou assim, como se me quisesse dentro dele, me absorvendo feito nutriente essencial pra viver, como se quisesse me proteger feito um canguru humano.

Guilherme me acalma com os olhos, que não deixam de expressar felicidade genuína, e isso me emociona de novo. Quero beijá-lo mais. E a noite toda. O melhor lugar pra isso é o quarto separado pra ele dentre os milhões espalhados pela casa, a chave nos guardando de interrupções, a cama se moldando à gravidade de nossas costas.

A inquietação preenchendo minhas respostas.

O frio lá de fora não nos segue. Não tem como nos ganhar numa batalha onde exalamos mais calor que a fogueira. As camisas pulam de nós para não se encharcarem de suor. Por medo, impeço que nossas calças caminhem para o mesmo destino. Sento na ponta da cama e tenho vergonha do meu corpo. Me sinto nu, não sei. Frágil e vulnerável. Mas não é por isso que parei o que estávamos fazendo:

— Sou... tipo... *virgem*.

A palavra “virgem” demora tanto para ressonar no cérebro de Guilherme que pouco tenho certeza de que realmente me ouviu, até responder:

— Ok.

O encaro. “*Ok' o quê?*”, pergunto, sem dizer.

“*Por que tá me olhando desse jeito?*”, devolve a questão com os olhos apertados. Parece um episódio miado d'*Os Normais*.

“*Hã? Não entendi*”, é minha cara agora. Aí ele gargalha e me abraça feito um urso, me acorrentando de volta à cama com um monte de estalinhos

molhados e cocegazinhas feitas pela barba contra minha pele de lagartixa.

— O que tem você ser virgem? Tá com medo de que eu vá te estuprar ou coisa do tipo? Porque a ideia é tentadora... — brinca, e quando me beija no pescoço, sinto tantas cócegas que demoro uns quatro minutos pra parar de rir e me contorcer. Quando consigo falar, estou com os olhos ensopados e o abdômen doendo:

— Tipo, sou virgem só de... você sabe — reviro os olhos. — “Sexo convencional”. O resto eu meio que já fiz.

Ele tá achando cômico e eu me sinto um molequinho que acabou de ganhar o primeiro pelo pubiano e já tá querendo falar de fecundação dos ovários como profissional. Não que tenhamos ovários (disso sei bem).

(Digo, não tenho ovários, foi o que quis dizer. Vou parar de me explicar em parênteses se você parar de pensar besteiras sobre mim).

(Porque eu só me complico).

— Te acho mais bonito do que antes — ele me puxa para a cama de novo, devagar.

— Não sou um santo, já fiz *outras coisas* com meu ex. Só nunca o *de verdade* porque ele era paranoico.

— “De verdade”? Sabia que sexo não é *só* penetração? — ele fala essa palavra e eu viro um tomate. Quero sumir, me esconder nos lençóis e falar de *qualquer outra coisa*. — Isso — beija minha testa — faz parte do sexo. Isso — beija a ponta do meu nariz — também faz. E isso é sexo puro: — beija minha boca.

Claro que ele está certo (de novo, na mesma noite), mas não consigo deixar de me sentir deslocado por ter uma experiência tão intensa com outro homem anos mais tarde do que garotos que nasceram na minha geração tiveram. Tenho vinte e um anos, sei que ser virgem não é errado, mas sinto que deixei de aproveitar um pedaço importante do meu amadurecimento como ser humano.

Em vez de me sentir envergonhado por falar disso, eu deveria conversar, entender o sexo fora do perímetro de pecado, de promiscuidade. Não há nada errado em transar. Não interessa se são dois homens, um homem e uma mulher ou vinte pessoas ao mesmo tempo.

Desde que seja seguro pra mim e os envolvidos, desde que me sinta respeitado e respeite, sexo é tão natural quanto beber um copo d'água. O corpo precisa.

O *meu* corpo precisa.

E durante a madrugada, entre o não-dormir-por-estarmos-ocupados-demais e as duas horinhas de conchinha antes de levantarmos para eu ir embora, precisei me segurar setecentas mil vezes pra não ouvir as súplicas da minha calça apertada e arremessá-la pela janela.

Mesmo que eu goste do Guilherme, mesmo que tenha me levado pra conhecer a família dele, ainda não nos conhecemos.

Quero que minha primeira vez valha a memória.

Capítulo 14

É normal suar tanto na cama? Nos filmes parece mentira. Parecem encenações pra despertar atenção sexual em quem, sozinho, espera um pouco mais de poesia numa rotina desengonçada. Tipo eu, agora, desengonçado. E acho que ele tá encenando.

De joelhos ele fica.

Eu fico.

De braços eu fico.

Ele fica.

Nossas bocas se beijam, mas ele me limita.

Douglas diz que não pode fazer isso:

— Usar a boca pode. Só não pode... *aquilo*.

— Por quê?

— Pô... É coisa de veado.

— O quê? Beijar outro homem? *Namorar* outro garoto? Colocar a boca no p...

— Velho, para! — ele fica com raiva e levanta. A bermuda de futebol sobe para tapar o que ele tem vergonha que eu veja, mesmo nesse escuro.

— A gente namora! — acendo o abajur. — É natural, ninguém vai saber!

— CALA A BO... — ele controla o grito, com medo que os pais escutem.
— *Cala a boca, Eduardo!*

Acho que ele não pode me magoar mais com a indiferença, por isso seguro meu olhar no dele. Quem desvia é Douglas. Eu continuo estático, tentando compreender por que o moleque que se jogou no vulcão tá com medo de fogo.

Ele não me ama.

Acho que não o amo.

Somos úteis um para o outro.

Suspeito que ele beija garotas quando não estamos juntos.

Imagino que me traia quando sai com os amigos héteros.

Isso não me corta mais.

— É pra eu ir embora? — pergunto.

Ele não diz que sim, mas não pede pra eu ficar, o que dá no mesmo.

Capítulo 15

Tento me convencer que chegar vinte minutos atrasado não vai ser tão ruim. Não *pode* ser tão ruim, já que não me atrasei uma vez sequer para a tarefa de ensacolar compras de senhoras semi-cegas e jovens donas de casa de olhos cansados, bebês nos colos e crianças pedindo pra levar mais *Danoninho*.

Na verdade, sinto prazer em fazer esse trabalho.

É como se minha contribuição para o mundo fosse aliviar o peso nas costas dessas mulheres, receber um sorriso de agradecimento e um real de gorjeta. Fico contente por ser um amigo invisível, sem nome, mas com um trabalho que as auxilia a manter o lar de pé.

E eu sei como é importante ter um lar de pé.

Por isso, não consigo me desculpar pra mim. Sei que nunca cheguei atrasado antes, mas e se desse a impressão de que logo após minha folga eu tivesse saído pra beber e cagado para minhas responsabilidades na cauda do balcão de compras?

Atravesso a porta de vidro amarrando meu avental e assumo no peito a estrela do Mercado Estrelas. Raquel faz questão de desligar meu interruptor de alegria com um clique violento:

— Chefe já veio te procurar. Disse pra que, quando chegasse, fosse à sala dele.

Ai.

Meu.

Deus.

Pronto, perdi meu emprego.

Minha estrela se destrói na força da própria massa e vira um buraco negro, sugando de mim o sorriso. Raquel parece indiferente, mas sinto que tá feliz por ter me dado a notícia. Desde que disse que ia sair com meus amigos “bichas” no final de semana, na minha primeira — e aparentemente eterna — folga, ela passou a me olhar com certo... *blergh?* Tipo isso.

Do lado do setor de refrigeradores, um corredor me leva ao escritório de porta marrom-escuro, onde bato três vezes até meu chefe me mandar entrar. Acho que não vou pedir desculpas de uma vez, vou esperá-lo me demitir. Soará mais sincero, não como um apelo, tipo, *“preciso desse trabalho senão vou morar na rua, por favor, eu limpo sua privada, escovo seus dentes e juro que se precisar de alguém pra limpar sua bunda, uso a minha escova”* (o que poderá ser uma experiência dolorosa pra ele).

Mas depois penso em dizer: *“a culpa não foi minha! Eu tô saindo com um homem e ele disse que acordaria cedo para me trazer de carro lá da casa da família dele, em Resende, mas a gente ficou descobrindo o corpo um do outro até agorinha e, por razões de exploração psico-antropológicas de minha existência, atrasei vinte minutos”*.

Acho que aí ele não só me demitiria como me daria um tiro de espingarda (porque todo interiorano tem uma, certo?).

— Desculpa o atraso — não consigo esperar e é a primeira coisa que digo quando fecho a porta atrás de mim.

— Não, tudo bem, tudo bem! — ele levanta e apoia a mão de adulto no meu ombro, me guiando até a cadeira de frente para a mesa que imita textura de madeira bege com adesivo muito mal colado. As paredes azuis, vazias, e o computador com monitor de tubo desligado, dão uma cara muito característica de escritório em postos de gasolina americanos dos anos oitenta, contrastando com o *iPad* em que ele desliza o dedo pra lá e pra cá, antes de trancar o aparelho, repousá-lo sobre uma pilha de papéis e olhar pra mim: — Tem interesse em ser promovido para assistir os setores do mercado?

Pisco os olhos, esperando que ele termine a frase.

— Hmm... — ainda não tenho certeza de que ouvi o que ouvi. — Você não vai me demitir? — pergunto. Ele faz careta de quem não entendeu. Explico: — Pelo atraso. Não vai me demitir por chegar atrasado?

Aí ele gargalha.

— Por que eu faria isso? Você nunca chega atrasado, não preciso te mandar fazer nada, não faz fofoca com as meninas e tá sempre limpando o balcão quando não tem cliente nenhum. Sabe, eu observo vocês, sei de tudo que acontece debaixo do teto de cada empresa minha. Aquelas moças trabalham aqui por obrigação, porque o salário dos maridos não é suficiente ou porque querem ir pra uma vaquejada beber. Eu vejo em você, um garoto novo que mora sozinho, a vontade de trabalhar porque *gosta*. Talvez não seja esse seu sonho, mas parece entender que há um caminho de esforço para ser traçado. Você tá traçando e eu tô vendo. Tem pouco tempo que você está aqui, mas te vejo trabalhando com a mesma vontade que o primeiro dia que te coloquei no balcão. Gente como você vai longe, filho. Com a promoção, vou adicionar mais cem reais no teu salário e te salvar do veneno daquelas cobras velhas. O que me diz?

“Posso te abraçar? Quer ser meu pai? Você é, tipo, Deus?!”

Mas não digo nada disso:

— Começo quando?

De repente, não preciso mais do avental. De repente, Raquel tá com a cara rachada e eu me lembro que o chefe tinha pedido para eu passar no escritório dele nessa segunda, dizendo que tinha “coisa boa” pra mim. Por que a gente esquece do que nos dizem de bom e focamos tanto na pior perspectiva das coisas?

Qual é o nosso problema?

— Que cara é essa? — o Síndico pergunta quando entro no carro com sorriso de orelha a orelha. — Ganhou na loteria?

— Fui promovido! — exclamo com orgulho infantil.

— Eu já sabia — ele quebra meu barato de propósito, só pra perturbar, enquanto sai com o carro. — O Zé sabe que você almoça lá em casa, que tá me pagando aluguel, e me ligou pra falar de você, perguntar se era um bom garoto, se era confiável.

— E o que você disse? — claro que foi algo bom, mas eu gostaria de saber o que Seu Lúcio acha de mim.

— Disse que confio, que você vai lá em casa, minha família te conhece... essas coisas. Só queria saber se você, que acabou de chegar aqui sem histórico, levantando suspeitas de todo mundo, não era mal-intencionado.

— Levantei suspeitas? De quê?

Ele bufa e sorri:

— De um monte de coisas: drogado, foragido, garoto de programa, estuprador, matador...

— Chegaram perto — brinco.

— De qual? Matador?

— *Suicida.*

Coitado do Síndico, não sabe se ri ou fica triste. Abandono uns tapinhas no ombro dele e relaxo o momento. A piada, pra mim, é bem mais engraçada.

Ficamos em silêncio até descermos do carro:

— Desculpa — peço. — Sei que o suicídio deveria ser algo desastroso e uma palavra que ninguém toca por medo de me magoar ou por, sei lá, achar

que vão “ligar” um botão em mim que vai fazer com que eu repita o mesmo erro. Pra mim é mais simples: estou vivo. E aprendi disso. Não leve tão a sério, porque eu não levo.

Ele prende as mãos na cintura como um vaqueiro e gesticula para a frente ao explicar:

— Sei que você leva a sério, caso contrário não teria aprendido tanto, mas entendo o que quer dizer. É estranho pra eu acostumar a ouvir isso porque... — ele coça a barba, me encarando como um adulto olha uma criança. — Não sei explicar de onde vem ou por que me sinto assim, mas é como se, não sei, fosse... me desculpa, Eduardo — ele parece confuso, tímido, e eu preciso entender o que quer dizer:

— Me diz, o que foi?

— Nem eu sei o que...

— Eduardo? — alguém o interrompe, um homem. A voz vem seguida pela batida da porta de um carro. Olho para trás logo depois que o Síndico ergue as sobrancelhas para analisar o rapaz de camisa polo e shorts de golfe com cara de playboy que não me lembro de ter visto, não assim.

— O que você tá fazendo aqui, Douglas? — questiono. Minhas bochechas ardem.

— O que *you* tá fazendo aqui, Eduardo? — Douglas pergunta ao atravessar a rua.

— Como me achou?

— Eu tava entrando na cidade e te vi aqui, acabei de chegar. Por que... o que... — ele não sabe o que dizer na frente do Síndico. — Vim te buscar, vou te levar pra casa — ele tenta me puxar pelo braço, mas me afasto e o empurro:

— Nem pensar.

— O que tá acontecendo? — Síndico pergunta por cima da minha frase. — Quem é você?

— É, Douglas. Quem é você? — o desafio a responder. Como esperado, é mudez o que recebo. — Ele é meu ex-namorado.

Tanto Douglas quanto Síndico empalidecem, passando pra mim o incômodo como um vírus. Tentando ser compreensível, me fazendo gostar ainda mais dele — mas o achar um pouco invasivo num problema que ele não sabe como foi difícil de carregar —, Síndico convida Douglas para almoçar com a gente e, depois, conversar.

Cogito que Douglas vai dizer “não” e me engano quando diz que “sim”. Então os três, no mudo, incomodados e desajeitados, atravessamos a porta em fila indiana.

— Convidado? — Lúcia pergunta, depois de me dar um abraço, olhando para Douglas, bem maior que ela, eu ou Seu Lúcio.

— *Outro* convidado — digo, quando Douglas estende a mão para ela, que aperta. Ele está sem graça e eu tô sem graça por ele. Quando passa por detrás de mim, antes de pegar as panelas na cozinha, Lúcia sussurra no meu ouvido:

— Você é da família, não é visita.

E o mundo é surreal.

— Princesa! — a pego no colo, a beijo na testa, abraço como se fosse um fantoche. — Vai desenhar pra mim hoje?

Ela faz que “sim” com a cabeça, distraída com o gigante que, perto dela, é o Monte Everest vestido que nem o namorado da *Barbie*, só que mais másculo.

— Esse é um amigo meu — explico. Ela parece não ter gostado muito dele. — Ele é grande mas é burrinho. Posso te pedir pra desenhar uma coisa pra mim?

— Pode — ela fala, e a voz de anjo é a coisa mais delicada do planeta.

— Desenha sua casa?

— Desenho — sorri tímida e abraça meu pescoço.

— Mas só depois do almoço — Lúcia avisa e vamos para a mesa.

— Faltou uma cadeira, né? — Síndico pergunta antes de sentar, ao perceber que Douglas ficaria de pé. — Um momento que vou pegar...

— Não, não precisa. Acho que vou.. almoço em outro lugar, não tem problema — meu ex diz, a voz de coitado sem perder a pose. Eu torço: “*Isso, Douglas, vá embora, vá embora, não complique minha vida*”.

— Claro que tem! A comida tá na mesa! Pode sentando — Lúcia pede em tom de militância e ele sorri, tão tímido quanto Lucianinha ao encará-lo.

— Obrigado — agradece ao Síndico pela cadeira ao meu lado e não sei dizer ao Seu Lúcio, com os olhos, como isso me incomoda. Talvez não tenha que dizer nada. Meu problema é com Douglas.

Comemos, conversamos, rimos e me sinto um pouco mal por ele. Mal até por mim. Com nossas famílias, não tivemos momentos assim. Nossos pais, talvez no começo de nossas existências, pensavam em ganhar dinheiro para dar boas vidas para nós. Porém, depois de anos, de décadas, passaram a priorizar dinheiro e esqueceram que nós esperávamos em casa, que nós dormíamos sozinhos, que nós tínhamos personalidades, sonhos e desejos independentes, pois nossos progenitores passavam muito tempo fora de casa para *exigirem* que nos inspirássemos em seus passos.

Ainda assim, fizemos tudo que mandaram. Tudo por dinheiro, pela ilusão de uma boa vida. O *Citroën* fora dado em troca da condição sexual de Douglas. O smartphone mais caro do país em troca de comparecimento às aulas da faculdade — sem precisar de boas notas. Os tênis, a camisa e a bermuda em troca dos gostos pessoais do meu ex-namorado.

Nossos pais bateram os martelos e fomos vendidos num leilão de porcos imbecis: iguais a nós, um monte por aí. Talvez façam parte do meu antigo círculo de amizade e eu nem consigo imaginar quem sejam. Talvez nem eles mesmos consigam imaginar quem são.

Não podem. À vista.

Após o almoço, escovo os dentes e dispenso a carona do Síndico, que me para no corredor e pergunta se tá tudo bem. Digo que sim, que é melhor conversar com o Douglas sozinho e convencê-lo de que não vou voltar para casa. Seu Lúcio está claramente preocupado. Indago:

— Por quê tá com essa cara?

— Não acha melhor voltar pra casa? Se acertar com seus pais e ver aonde podem chegar?

Juro que considero a pergunta: *“não seria melhor voltar pra casa?”*.

— Não. Sua casa é mais minha casa do que o apartamento em que vivia com meus pais. Você tem sido mais pai pra mim do que eles foram. Não é por birra. Eu, sério, só sinto que tô mais em casa aqui, em Estrelas, do que no topo de São Paulo — ele assente. — Vou com ele, vou resolver.

— Faça isso.

E me despeço com todo o carinho com que cheguei, a marmitta do meu jantar e um desenho esplêndido da princesa mais princesa que uma princesa pode ser.

— Como me achou? — pergunto para Douglas, no carro. — É por ali — aponto o caminho.

— Seus pais estão preocupados. Eu também tô.

— Você e meus pais ficaram amigos?

— Depois de você ter *se matado*, o que você queria?

— Eles não me aceitam. Nunca aceitaram. Nem você.

— Não vamos entrar nesse assunto, ok?

— Exatamente! É por não podermos tratar do nosso relacionamento com normalidade que eu *não quero* voltar pra casa. Não quero me esconder outra vez, nem respirar aquele ar tóxico, nem me sentir um erro! Eu tô cansado, Douglas! Fiz *amigos* aqui! Viu como aquela família me trata?

Ele se cala, ressentido. Esfrego o rosto com as mãos e suspiro de exaustão. Ficar perto dele gasta energia. Me sinto irritado e ansioso para que vá embora. Gostaria de não me sentir assim, porque entendo a preocupação (não é todo dia que um namorado tenta suicídio), mas não sinto nada honesto.

— Eu te amo. Só quero seu bem.

— Você não me ama, Douglas. Não diz isso.

— Você tá na minha cabeça pra saber se eu te amo ou não?

— Eu fui seu namorado por *muito tempo* pra afirmar que você não me ama! Eu era útil, uma fachada perfeita, e você era a mesma coisa pra mim! Garotos como nós, enquanto cobaias desse experimento maluco da sociedade, não podem amar ninguém porque não sabem amar a si mesmos.

— Eu me amo — argumenta. Sinto que se irrita agora.

— Mentindo? Deixando de fazer o que quer? É assim que se você se ama?

— É por me amar que eu sobrevivo! Jogo nas regras! Você é um revoltadinho que quis chamar a atenção se...

— PARA O CARRO! — berro e ele freia no meio da pista, me olhando espantado. Abro a porta na rua vazia e vou caminhando de volta para o mercado. Ele desce e, sem me seguir, indaga:

— É sério? Você quer que eu corra atrás de você?

— Eu quero que você volte pra sua casa!

— Não posso voltar sem você, seus pais estão preocupados.

— Você tá com medo de procurar uma nova rotina pra se apoiar! Velho, eu morri, voltei à vida, saí da cidade com uma mochila e *agora*, depois de *tudo*, você quer que eu volte pra casa? Você não me ama, Douglas! Você é inútil, chato, mesquinho e entediante, então, por favor, *vá embora!*

E nos quinze passos que dou na beirada da estrada, ao lado do monte de mato cercado por arame farpado, ele me ultrapassa voando com o carro.

A gente poderia ter brigado três minutos mais perto do mercado...

— Ele o quê?

— Almoçou na casa do Síndico depois de me “ver” na rua. Parecia coisa de filme — minhas referências cinematográficas são necessárias para explicar a Cassiano o quão esquisito foi esbarrar com Douglas, almoçar com ele na casa da família que me adotou e dizer para o Síndico que ele era meu namorado.

— A propósito, parabéns pela promoção — Cassiano mexe nos cabelos hiperlisos enquanto pega um enxaguante bucal na seção de higiene pessoal. Agora sou supervisor dos setores do mercado e, mano, é um trabalho fácil: só preciso ficar de olho na organização dos produtos, impedir clientes de furtarem coisas pelas quais não queiram pagar e ficar de papo com meu

primeiro melhor amigo enquanto ele finge comprar alguma coisa. — Quer dizer que seus pais estão preocupados?

— Só eles sabiam onde estou, liguei para minha mãe tem pouco tempo. Pra terem chamado o Douglas, devem estar desesperados. Me pergunto por que *eles* não tiveram a coragem de vir.

— Talvez nem seja falta de coragem — ele pega o enxaguante branqueador e uma nova escova de dentes. Achei que não fosse levar nada, mas ele uniu o útil ao agradável: me visitou e fez valer meu salário. — Talvez saibam que você não voltaria por eles, então mandaram seu namorado.

— *Ex-namorado* — corrijo.

— Tá — revira os olhos. — Por que não me conta logo o que aconteceu entre você e o Guilherme no sábado?

— Porque são muitos detalhes! Já disse, passe lá em casa nove horas. Leve *Glee*. Vou contar tudo — não me contenho e solto: — Foi uma das noites mais legais da minha vida!

— Ok, já tô curioso até os dentes — levanta os produtos de limpeza bucal para complementar o trocadilho. — Vou comprar isso e ir pra casa. Te vejo à noite, nove em ponto.

— Nove — confirmo, alegre.

Ele suspira, como que cedendo a uma vontade secreta:

— É bom te ver feliz, sabia? Não queria falar nada para não parecer que me preocupo com sua saúde, apesar de me preocupar, eu não te conheci antes de todo o rolo, mas já disse que sou sensível. Sinto sua aura brilhar...

— Fico feliz por você me ver feliz.

— Quero saber *mais* da sua felicidade às nove. Te vejo!

E às nove ele me vê. Na minha porta, arrumadinho, sem o box de *Glee* e sem o notebook. Estreito os olhos pra perguntar:

— Cadê minha série preferida?

— Me convida pra entrar, sou um vampiro.

— O vampiro só entra se me disser onde está minha série.

— Mudança de planos: vamos pra casa do Ju. Tá dando uma festa e, acho que por sua causa, me convidou de última hora.

— Ele ainda tá bolado comigo? — escancarar a porta pra ele, que finge voar que nem o *Drácula* para dentro do meu cubículo.

— Ele é estranho, de lua. Não sei o que rola na cabeça daquele doido, mas é fato que tem ciúmes da nossa amizade.

— Amizade essa que vai acabar se não me der a série pra assistir. Você falou que ia me ensinar as músicas!

— É, mas o Guilherme vai vir daqui a pouco, então é melhor você cantar qualquer coisa no chuveiro, antes que ele chegue.

— *Como* você chamou o Guilherme?

Cassiano joga a obviedade no meu rosto enquanto cato roupa pra vestir, desesperado (pois *já* tomei banho, sou limpinho).

— Lembra que fui *eu* quem armou o primeiro encontro? Sou eu quem tem o número do bonitinho.

— Acha uma boa ideia eu ir acompanhado pra social? — visto uma calça que não precisa de cinto.

— Ele vai ter de se acostumar. Sabia que ele já foi apaixonado por mim? Tipo, era meio doentio. Demorou pra ele aceitar que seríamos só amigos.

— Ju é meio solitário, acho que é por isso que ele atira pra todo lado, se apaixonou fácil, mas deve ficar com raiva e descontar em quem nutre afeição — analiso feito um detetive forense descobrindo a arma do crime pela cor da cortina. Troco de camisa.

— Antes que ele chegue, conte-me *tudo* sobre sábado. Quero estar na vantagem.

E conto tudo para Cassiano. Me sinto bem ao fazê-lo. A felicidade dele brilha na alegria de me ver contente, experimentando, tentando. Me abraça e diz que tô mais do que certo, que eu e Guilherme somos lindos um com o outro, e eu peço para que sossegue o facho pois é recente demais. Não somos nada além de amigos que... *alguma coisa*.

— Posso entrar? — Guilherme pergunta na porta, depois que a abro.

— Não — Cassiano responde por mim. — Vamos direto para a festa! Veio de carro?

— Não teria como vir a pé — Guilherme brinca quando Cassiano passa por ele, porta afora. O barbudinho me olha com as pontas da sobrancelha caídas, suave: — Tudo bem?

— Tá — tranco a porta do lado de fora. — E com você?

— Só depois que eu ganhar um beijo.

Meu rosto menstrua pelos poros: estou vermelho de novo e ele já roubou meu selinho.

— Vocês são demais juntos! — Cassiano fala alto, encostado no carro.

— Obrigado — Guilherme agradece, destrancando o carro de longe, que pisca e apita.

Daí, chegamos na social em três minutos. Daí, tem uns seis homens. Daí, não tem *um* sóbrio. Daí, olho para Guilherme e Cassiano. Daí, realizo que vir não foi uma ideia tão boa.

As músicas são pop melosos, hip-hop sobre dinheiro e bunda, e em vez de sairmos da festa de Ju, que olha para o casal que formo com a ira de oitenta tiranos do apocalipse, nos retiramos de fininho até o quarto de hóspedes — com ajuda de Stéfani, que entendeu que a gente queria um momento mais privado — e decidimos nos beijar, e beijar, e beijar.

I just wanna say you're mine, you're mine

I just wanna say you're mine, you're mine

Fuck what you heard, you're mine, you're mine

All I'm really asking for is you

O calor é insuportável, o grave da música sacode as paredes. As roupas não são naturais, não podem mais nos vestir. É como se todas as minhas veias estivessem entupidadas, latejando milímetro por milímetro, deixando tonto, inchando meus braços, minhas coxas.

Guilherme me prende contra a parede, morde meu queixo, e as cócegas da barba não têm graça. Não rimos. Não estamos sérios. Estamos respondendo com grunhidos o que o corpo de um fala pro corpo do outro.

I just wanna say you're mine, you're mine

I just wanna say you're mine, you're mine

Fuck what you heard, you're mine, you're mine

Long as you know who you belong to

Não dá pra aguentar. Essa não é nossa casa. A pele em nossos corpos não é nossa. Preciso ser dele. Ele quer ser meu. Parece que o oxigênio não entra nos pulmões, que acabei de fazer abdominais e meus músculos comprimem o peito.

Precisamos ir para minha casa e o mar de gente da social é ignorada por nossas mãos dadas, deslizando para o carro sem ouvir Cassiano, Stéfani ou o próprio Ju. Ninguém importa agora. Nossos corpos precisam desabafar.

Vejo que é difícil pra ele dirigir e mal consigo ficar no banco. A gente se beija e ele não olha pra rua. A gente estaciona e não desgruda por mais um tempo. Dá a impressão de que faremos aqui, nos bancos da frente.

Abro a porta. O vento congela nossa camada oleosa de suor como beber água depois de chupar *Halls* preta. Não consigo achar minha chave e, para se comportar na rua, só me abraça por trás enquanto destranco a fechadura. Guilherme me empurra para dentro, bate a porta e tira minha camisa, voltando a me beijar contra a parede.

Não sei de onde vem, nem quero saber: é uma das melhores sensações da vida. Isso é carinho, mesmo sem parecer. Não é sujo, é puro. É parte.

Alguém bate na porta três vezes. Eu e Guilherme congelamos, olhando para o que desejamos ignorar, sem fazer barulho. Mais três batidas e nos encaramos. Isso é triste, colocar a camisa de volta.

Abro a porta:

— Não tenho onde ficar. Posso dormir aqui? — Douglas, com a cara inchada, os olhos injetados de vermelho e uma garrafa de uísque na mão, pede abrigo. — Vou embora amanhã.

Nos primeiros quinze segundos que apenas o olho, o ódio. Desejo que morra, que bata a droga do carro e desapareça da minha vida, pois ele nunca quis estar nela. Depois sinto dó, certa compaixão, peço para que espere no lado de fora por cinco minutos, pois preciso fazer algo. Ele concorda e, fungando de tanto chorar, escorre de costas na parede até o chão, onde fica sentado.

— Quem é? — Guilherme pergunta, e o que achei que daria trabalho, sai fácil de minha boca:

— Meu ex-namorado apareceu hoje pedindo pra eu voltar pra casa. Eu disse que não voltaria e ele disse que iria embora, mas agora ele tá na porta, bêbado, e não tem onde dormir. Não vou deixá-lo na rua. Você me odeia?

Guilherme veste a camisa e se vira para mim:

— Claro que não. Só por segurança: — ele pega no meu queixo e me beija — preciso me preocupar?

— Não — *definitivamente*.

Quando Guilherme abre a porta, Douglas está de pé, chorando mais ainda. De melancólicos a homicidas, os olhos avermelhados viram rubis que o transformam num monstro, que puxa Guilherme para fora com um rugido e o arremessa no cimento da calçada, voando pra cima dele como uma fera irada.

Grito pra parar, o empurro, o esmurro, e Guilherme apenas se defende, não tenta bater no bêbado uma só vez. Quando conseguimos derrubá-lo, gritando “ELE É MEU!”, os vizinhos das casas à direita e à esquerda assistem perplexos.

— ENTRA AGORA! — grito para Douglas, que arremessa a garrafa contra o carro de Guilherme, que se espatifa em álcool e cacos dois centímetros distantes. Aí ele entra e bate a porta.

A minha porta.

— Me desculpa, Guilherme, desculpa, eu não sabia que ele ficaria assim.

Ele abana a cabeça, compreensivo:

— Tô mais seguro agora.

— Por quê?

— Não teria como você namorar um babaca desses — e saca a chave do carro. Percebo que seus cotovelos estão arranhados, sangrando, mas não digo nada.

Independentemente dos vizinhos estarem olhando, sinto que ele merece um beijo, e assim o entrego. Ele sorri com dor, segurando as costelas, e entra no carro. Só quando some que eu berro aos vizinhos, feito um apresentador de TV:

— Desculpa a bagunça, podem voltar a dormir! Desculpa!

Na minha quitinete, Douglas está sentado no canto escuro ao pé de colchão inflável, soluçando. Percebo que a compaixão que tinha por ele morreu quando troquei de roupa, escovei os dentes, apaguei a luz e dormi sem dar a mínima para como ele se sentia.

Capítulo 16

Minha consciência me acordou de madrugada como se soubesse que ele estaria desconfortável. Garotos como ele não passam mal por beber quase uma garrafa inteira de uísque porque se acostumam a beber desde os catorze anos. Era normal pra mim também. Acho que só era normal porque eu não questionava. Era o lugar-comum.

O arrastei do chão, onde acabou apagando, para meu lado na cama antissolteiro. Dividi meu edredom com Douglas e ignorei o bafo de álcool na minha cara. Não consigo sentir raiva ou ser indiferente com ele por muito tempo. Douglas foi importante pra mim, mesmo sem o amor que não me deu e que, como alguém que não amava nem a si mesmo, eu não pude dar.

Depois, não dormi.

Duas horas antes de sair pro trabalho, preparei quatro sanduíches, dois pra mim, dois pra ele, porque sei que vai acordar com fome e de ressaca. Compartilhávamos disso.

— Onde foi que errei contigo?

Será que Douglas *ouviu* o que acabou de perguntar? Como assim ele *não sabe* onde errou? Não exatamente comigo, mas com o que fomos. Tento não abusar do sarcasmo. Ele consome minha paciência rapidamente.

— Deixa pra lá — digo, tomando meu primeiro gole de leite pra calar a boca. Ele olha para os sanduíches em cima do prato de plástico, na cama, e afasta o edredom da perna. Da pia, me sinto triste pela infelicidade dele. Do medo de tudo. — O problema não foi só contigo ou com meus pais, foi comigo.

Douglas concorda com a cabeça, amuado. Parece tomar noção do que está acontecendo.

— Desculpa eu não ter sido um... namorado melhor — falar isso é difícil pra ele às vezes, como se estivesse saindo do armário para si.

— Nós dois erramos — termino meu segundo lanche. — Não vai comer?

E ele dá a primeira mordida sem vontade, ainda olhando pro prato. Está envergonhado, o rosto do tamanho de um balão, os olhos cansados e repreendidos. Antes de terminar o último pão, sente necessidade de perguntar outra vez, pela última:

— Não quer mesmo voltar pra casa?

— *Essa é minha casa.*

Pausa.

Longa.

— Você trabalha hoje?

— Trabalho.

— Posso te levar? De lá volto pra Sampa.

Não vejo por que não.

— Pode. Mas tome um banho. E não bata em mais ninguém.

Ele sorri de lado, sem abrir a boca. Depois de usar minha toalha e vestir as mesmas roupas, me arrumo para que saíamos. Quando paramos na frente do mercado, que ainda nem abriu, ele suspira e tira as mãos do volante.

— O que vou dizer pros seus pais?

— Que nunca me viu mais feliz.

Aí sim ele sorri, vulnerável como nunca, e dá dois tapinhas na minha perna:

— Acho que nunca vi mesmo.

— Cuidado na estrada, Douglas — desço do carro. Não o ouço dizer tchau. Não ouço nada além das lojinhas abrindo conforme a hora passa, como a calçada ganha movimentação e a maneira com que meu chefe chega, empolgado, abrindo a porta de vidro e rolando a proteção de ferro para que possamos entrar.

— Bom você ter vindo cedo, preciso falar contigo.

Dessa vez, não parece coisa boa.

Ajudo a abrir o mercado e o acompanho até o escritório quando as mulheres começam a chegar. Sento quando ele pede e espero que largue o tablet para me dar atenção.

— Sua vida não diz nenhum respeito a mim, mas chegou ao meu conhecimento que você tem andando com as... umas pessoas *estranhas*. Talvez não seja bom pra sua imagem.

E eu já sei sobre o que ele está falando: dos meninos *gays* com os quais tenho andado. Será que foi a Raquel — a menina que as outras senhoras do mercado chamam de piranha pelas costas — que disse algo? Se foi, não interessa. O que ele tá falando, *da maneira* que tá falando, é errado. Mesmo que me custe o emprego, prometi que não esconderia quem sou. E agora, não sei de onde, essa coragem faz com que eu saque uma espada para cortar esse mal pela raiz:

— É por eles serem *gays*? — declaro com normalidade na voz, algo que um cara como ele ou as mulheres do trabalho não fariam sem diminuir o volume. — Eu também sou. Se for por isso que acha que minha imagem vai ficar feia, não tenho muito como melhorá-la.

O olho dele parece mármore, perplexo. Zé tentou me avisar como um amigo, mas por falar disso com um gay, sou feito um preconceituoso que nunca pensou sobre *o que* tinha preconceito.

— Quer que eu me demita? — continuei. Não de uma maneira desafiadora, mas querendo saber se minha imagem, de algum jeito, queimava a imagem do Mercado Estrelas. E daí que vou ficar desempregado? E daí a fama de veado?

Depois que você morre e percebe que a vida é uma só, poucos problemas te tiram o sono. Alguns incomodam por mais tempo, óbvio. O importante é que não estou sozinho. Hoje tenho a quem recorrer quando as coisas ficarem pretas.

Que se dane o preconceito de merda do meu chefe. Que se dane se Raquel transa ou não transa com viciados em cocaína por dinheiro. Eu-não-ligo. Emprego, dinheiro e objetos a gente arranja outros quando perde. Identidade não dá.

— Não, espera, espera — pede para que eu permaneça sentado quando me levanto, após tomar a taciturnidade dele como um “*sim, suma daqui, decepção*”. Me sento e o espero colocar as ideias no lugar. — Me desculpe. Me desculpe, eu não fazia ideia — ele suspira, verdadeiramente arrependido. — Não sei onde enfiar minha cara agora, me desculpe mesmo. Não quero que você se demita. Tá aqui há tão pouco tempo, é meu melhor funcionário, acabei de te promover, sei que precisa do dinheiro pra pagar o aluguel... me perdoe, não foi minha intenção. Eu só não podia imaginar que você fosse.

— Se soubesse, teria me contratado?

Ele embaralha sílabas, sem uma resposta formada. Talvez só precise de uma: “não”. Talvez não consiga dizê-la na minha frente, pois se preocupa em como vou ficar sem graça. Ou talvez o “não contrato gays” seja só uma resposta automática gerada por uma cultura machista que não percebe que gay é alguém que *ama* outro alguém do mesmo sexo. Preconceituoso é quem *odeia* quem *ama* pessoas. Como algo tão errado parece tão certo pra essa gente?

— Tudo bem, não precisa responder — não era pra ter resposta, era pra incomodar. Algo nisso me magoou. Talvez por ele imaginar dos garotos algo que não são. Ou até o que passará a imaginar por saber que eu sou gay. O

que posso fazer é ser eu, dizer ao mundo pra me julgar baseado em minhas atitudes, não em minha intimidade.

— Não quero que você saia do emprego, Eduardo. Me perdoe, de coração.

— Tudo bem, Seu Zé, deixa pra lá. Não sou de guardar rancor.

Não sou mesmo. Ainda mais por ele estar com a pulga atrás da orelha agora: “qual meu problema com os gays?”.

E assim volto pro trabalho, e toda vez que passa por mim me cumprimenta com mais empolgação que antes, tentando amenizar o embaraço de mais cedo. Por mim, tá tudo bem. Especialmente quando me libera dez minutos antes, para almoçar.

Pensa que vou reclamar? Nem vou.

Fico esperando o Síndico chegar do lado de fora do mercado. Acho que Raquel sente alguma coisa por mim e o fato de ter descoberto que ando com gays a frustrou, por isso me olha com essa cara de diarreia. O sacolão do outro lado da rua está cheio e tem mais gente nas calçadas do que qualquer vez que parei para perceber o movimento ao redor.

Quando, como uma salvação para meu estômago faminto — que choraminga feito cachorro ao ver o dono chegar do trabalho —, contemplo o surgimento do *Santana* do Seu Lúcio no horizonte. Me aproximo do paralelepípedo e sou surpreendido por um *Peugeot* prata, que freia na minha frente.

— O que você tá fazendo aqui? — pergunto pro Guilherme, que sai do carro e bagunça meu cabelo com a mão. Não tiro o olho do *Santana* vindo lá no fundo.

— Vim te buscar pra almoçar — ele segue meus olhos: — O que tá olhando?

— O Síndico — o *Santana* estaciona atrás do *Peugeot* e eu dou tchau. Acho que estou nervoso. Não queria que Seu Lúcio conhecesse o Guilherme agora. Especialmente depois de meu ex-namorado insano ter aparecido pra almoçar na casa dele.

— Síndico? — Guilherme pergunta, me acompanhando até o *Santana*. Seu Lúcio abaixa a janela.

— Quem é seu amigo? — ele sai do carro e estende a mão pro Guilherme. Os dois se cumprimentam, sorriem, e eu acho a situação adolescentemente embaraçosa. Parece que tô apresentando meu namorado pro meu pai numa realidade onde mamãe não diz que sou uma decepção e papai não pede pra eu ficar escondido no quarto por gostar de garotos.

— Esse é o Guilherme... — e deixo a frase incompleta por que não sei com o que completar.

— Sou o Guilherme — repete, sacudindo a mão do Síndico sem soltar. Acho que Seu Lúcio percebeu que ele não é *só* um amigo e Guilherme percebeu que o Síndico *entendeu bem* isso.

— Vai almoçar com a gente, Guilherme? — soltam as mãos.

“*Diz que não, Guilherme, diz que não!*”

— Almoçar com vocês? — ele tá sem entender.

— Almoço na casa do Seu Lúcio todos os dias. Ele é o dono da quitinete que estou morando, é pra ele que eu pago aluguel.

— Por isso o chama de Síndico.

— Por isso o chamo de Síndico... — e fico sem graça de novo. Aquele silêncio de “não sabemos o que fazer” se instala. Como sempre, Seu Lúcio é uma pessoa melhor:

— Vamos, entrem no carro — e abre a porta do motorista.

— Eu... eu sigo o Santana — Guilherme caminha desajeitado para o *Peugeot* quando dou a volta pela frente do *Santana* e estapeio minha testa quando fecho a porta: Guilherme esperou que eu fosse com ele! Mano, como sou burro!

— Você é disputado — Seu Lúcio zomba, ri. Minha escala de embarçamento já perdeu a linha.

— Não precisa convidá-lo para almoçar só porque ele é *alguma coisa* minha — aceleramos.

— “Alguma coisa”? O que é isso agora, os jovens passaram do “ficar” para o “alguma coisa”? — ele está de bom humor, fazendo piada, e tanta mente aberta para um cara que tinha tudo para se tornar um pentelho machista me deixa sem ação. Ele não é meu pai e preciso parar de apoiar toda construção de caráter no arquétipo tenebroso que tinha em casa.

— A gente se conheceu num bar em Penedo, naquela vez que saí com os meninos, quando te contei sobre mim...

— E vocês estão juntos, então? Em “alguma coisa”?

— Tipo. Ontem o Douglas apareceu bêbado lá em casa, bateu no Guilherme, fez o maior escândalo...

— Era sobre isso que eu queria conversar contigo. Uns inquilinos me ligaram de madrugada, reclamando de barulho e briga vindos da sua casa, que um rapaz estava batendo no outro e que você foi sem educação, ignorando as leis do silêncio e essas besteiras. O que houve?

— O que te disse: Douglas apareceu bêbado, viu que Guilherme estava comigo e perdeu a noção. Não durou nem cinco minutos pra eu acalmar a briga. Não fui mal-educado com ninguém, Seu Lúcio. Ainda pedi desculpas.

— Achei estranho terem me dito que você foi mal-educado, então tive de ser mal-educado por você.

— Hã? O que disse pra eles?

— Que se tivessem mais problemas com sua presença naquela casa, que arranjasse outra pra morar.

Sorrio pelo nariz quando me dou conta do que ouvi. Depois fica impossível conter a alegria e meus dentes aparecem, meus olhos se apertam e me viro para o retrovisor, contente também pelo *Peugeot* que nos segue na paisagem roceira.

Seu Lúcio, o Síndico, é o pai que eu sempre quis.

— Guigo, não vai! — Lucianinha pede, puxando a camisa do Guilherme (a quem ela já deu apelido), e de repente minha vida parece uma mentira: almoçamos juntos, o casal “Lúcios” com sua obra-prima artista, e o casal “Alguma Coisa”.

Lúcia entrou em conversas sobre família e tradições com Guilherme num papo que me atrasou cinco minutos, enquanto eu e Seu Lúcio falávamos sobre o real valor da vida e do que realmente importa nela: estar com quem a gente ama, trabalhar perto de casa e entender que as pessoas só podem se doar até certo ponto. Aceitando isso, nos frustramos menos por expectativas projetadas falsamente.

Com minha marmitta em mãos, recebo de Lucianinha uma monalisa desenhada com palitos e xuquinhas no cabelo: “*olha, sou eu, sou eu*”, repete ao me entregar a arte antes da despedida.

No carro com Guilherme, finalmente roubo um beijo e volto de carona para o mercado.

— Eles são impagáveis — me diz, quando inicia o motor. E são mesmo. Inigualáveis também. — O que rolou com teu ex?

— Ele foi embora, acho que entendeu. Minha família ou ele não vão me perturbar por um tempo.

— Ele bate forte. Se estivesse sóbrio, teria chutado minha bunda.

— Acho que ele fez isso mais de uma vez — zombo. Guilherme me dá um tapa bobo.

— Segunda terei de voltar pro Rio.

E o ar fica rarefeito. Tento contornar meu silêncio com alguma palavra, mas a única coisa que sai da minha boca, numa agressividade passiva sem intenção, é:

— Legal.

Ambos sabíamos que o dia chegaria. Férias não duram para sempre. Eu só não queria ser um amor de outono. Não sabia o que queria para ou com ele. Agora que sei, ele é que parece ter virado o meu amor de outono.

— Vamos fazer esse resto de semana valer? Amanhã sairemos, eu e você.

— Por que não hoje?

— Preciso ficar com meus primos em Resende, Paulo vai embora amanhã mesmo. Marcamos de ter uma noite de despedida. Eu adoraria te levar, mas eles querem encher a cara e garanto que vai ser um porre. Se quiser ir, não vou reclamar, mas tô avisando porque conheço Vitória e Pedro bêbados: insuportáveis.

Sorriso amarelo. Não consigo sorrir de maneira normal. Imaginar que ele vai embora é meio... *Meio*.

— Amanhã tá sussa. É bom que a gente faz algo só nosso. Não tem problema.

Ele segura meu rosto, tirando os olhos da rua por alguns instantes:

— Vai ficar tudo bem, ok? Prometo — acredito nele, sei que vamos ficar bem. Mas eu gostaria de ficar bem com ele aqui. — Vai ficar tudo bem.

Voltando a atenção à rua e a mão ao volante, não pareceu que estava confortando a mim, mas a ele mesmo.

Essa é uma daquelas noites em que ficar sozinho consegue ser um incômodo tão profundo que dormir vira a opção mais interessante de entretenimento.

Em São Paulo, minha campainha nunca tocara tanto quanto minha porta em Estrelas fora batida. Poderia ser um vizinho irritado com meu *estilo* de vida, e mesmo que quisesse me espancar, não tive medo de girar a maçaneta sem perguntar quem era.

Douglas pega meu rosto e me empurra pra dentro de casa com um beijo que corto rápido:

— O que tá fazendo?! Por que não foi embora?

— Você quer que eu assumo pros meus pais? Beleza, vou fazer isso. Quer que eu aja feito um panaca pra você montar em cima? Tudo bem, eu não ligo! Só volta comigo pra casa! Volta comigo!

Ele senta no colchão, a respiração barulhenta. Não sabe o que fazer e isso o perturba. É quase como se não quisesse encarar que tá tudo diferente, se agarrando à esperança de que as coisas voltarão a ser as mesmas. Não posso ser o mesmo...

Espera... e se ele me ama? E se durante o tempo que passamos juntos eu estivesse errado e ele me amava de verdade?

O que preciso me perguntar é se faz diferença agora. Douglas teve tanto tempo para, no mínimo, demonstrar alguma afeição além da preocupação acerca de nossa imagem como *homens*, de me buscar bêbado e limpar meu vômito, de ter assumido nosso namoro pros meus pais, de... mano...

Acho que ele me ama mesmo.

Quando percebo que fui tão insensível quanto ele, despenco no chão e apoio a testa na mão. Parece mentira. Parece uma novela, um livro, essas bostas todas misturadas num liquidificador que faz um barulho insuportável por ter um motor de baixa qualidade chamado “realidade”.

Não quero me perdoar por ter movido minha vida tão rápido depois da tentativa de suicídio. Por ter julgado que Douglas ou meus pais eram bananas para macacos, e não a torta quente e cheirosa na janela, chamando atenção de um menino que buscava colo em todos os lugares errados.

Do nada, me sinto arrependido de viver tão longe deles.

— Não sei o que dizer — assumo.

— A culpa é minha e eu sei — quando vou dizer que a culpa não é *só* dele, aumenta a voz para continuar: — Sei porque eu deveria ter tentado, você sempre tentou mais. Queria ter demonstrado o quanto você é importante pra mim, mas sempre tive essa barreira. Você é um garoto, eu também. Ficava imaginando que se meu pai descobrisse, eu não aguentaria o acréscimo de culpa nas minhas costas. Quando você se matou, te juro, eu quis morrer também. Você é a única coisa em toda minha vida que me faz bem. Eu só sou honesto contigo. Te traí pra caramba com meninas, fiz um monte de babaquice, mas me arrependo tanto, porque você vale o esforço. Se eu tiver que provar me assumindo, eu provo. Juro que provo, só volta comigo, por favor. Por favor, Eduardo, volta comigo.

Eu costumava divagar em pensamentos, idealizando um relacionamento onde um cara me diria todas essas coisas nos quarenta e cinco do segundo tempo. Ouvi-las de Douglas *nunca* passou pela minha cabeça. Imaginava atores, celebridades, até ex-BBBs, nunca ele.

Poderia comparar e dizer que seria mais fácil um raio cair dezoito vezes no mesmo lugar, na mesma noite, na data seis do seis de seis mil seiscentos e sessenta e seis, do que ele me dizer essas coisas. Estava além do impossível. Não existia.

Mais uma vez, alguém martela minha porta com os nódulos dos dedos. Não pergunto quem poderia ser, já que *agora* poderia ser um vizinho marrento. Ou a teoria de que raios estavam caindo lá fora aos montes, no mesmo lugar, em cima da minha casa, e eles vieram reclamar disso.

— Tô atrapalhando? A galera decidiu não sair, ficaram jogando futebol a tarde toda, aí quis passar aqui pra gente fazer alguma... Tá tudo bem? — Guilherme pergunta, ao ver que minha expressão é de surpresa negativa. — O que houve?

— Sai daqui — Douglas toma meu lugar na porta e estufa o peito feito um galo.

Aceno com a cabeça para que Guilherme não discuta, que vá embora, pois explicarei depois. Às vezes acho que homens (não que eu não seja um, mas nesse momento não quero me incluir no pacote vergonhoso) sentem prazer em incorporar neandertais, assassinos isentos de aplicação carcerária por consciência involuída. Digo isso porque, em vez de agir como o doce, inteligente e paciente homem que conheci, Guilherme estufa o peito de volta e dá um passo pra frente:

— Nem pensar.

E não há mais conversa. Há socos, pontapés, ganchos, e eu correndo pra calçada de novo, tentando separar os dois monstros que *insistem* em brigar na rua. Não consigo soltá-los um do outro e, em vez de apenas olharem dessa vez, dois homens barrigudos dentre os vizinhos que assistem o *UFC Fazenda* me ajudam a desatá-los. Talvez tenham percebido que o problema era sério quando Douglas passou a pingar sangue do nariz e sobancelha, e Guilherme da boca, mancando.

Os vizinhos parecem se segurar para não bater na gente. Ouço as palavras “veados”, “filho da puta” e “se você não for embora”, mas depois passo a

ouvir somente o sangue correndo em minhas têmporas. É como se meus glóbulos não arrastassem oxigênio, mas correntes, panelas, cotas de metal pelo chão e paredes de meu interior. Mal ouço o “nunca mais volte” que sai da minha boca quando empurro Douglas contra o carro e solto um soco no vidro.

Minha mão talvez doa amanhã por isso.

Os vizinhos ainda fazem chiado e eu não quero saber. Guilherme está envergonhado ou com raiva, e eu peço para que vá embora também, coisa que ele acata sem esforço, sem se despedir.

Tá todo mundo cansado, eu também.

Mas quando bato na cama, não durmo.

Capítulo 17

Ouçõ baterem na porta mais uma vez no que parece ser a mesma noite, já que não dormi direito, mas é manhã. Dessa vez, pergunto quem é. Abro a porta para o Síndico e volto a mastigar meu lanche, sem fome. Sei que *estou* com fome, mas tô preocupado demais para percebê-la.

— Sobre ontem? — pergunto.

— Sobre ontem — responde.

Conto o que houve e sei que ele não me critica ou julga. Ele escuta porque sabe que se dependesse de mim, aquela confusão não teria acontecido.

— Nós somos complicados — me diz.

— Nós quem? Não sou nada complicado — me defendo. Gosto da maneira com que ele fala de braços cruzados, encostado contra a parede da mini-mini-cozinha com a chave do *Santana* pendurada na mão, junto à carteira. Ele tem essa imagem de pai e, na minha casa, me ouvindo com serenidade, me olhando e buscando algo pra dizer que faça com que eu me sinta bem, ele parece meu pai. O que não tive.

— Nós, homens — explica. — Gays ou não, somos iguais.

— É, somos bichos. Seria melhor se fôssemos *bichas* em vez de bichos. Ao menos, o senso de humor não seria tão fatalmente destrutivo.

— Eles estão loucos, os inquilinos. Acabei de sair da casa do Toninho, da esquerda, e ele tá querendo beber teu sangue — fico em silêncio. Não sei o que dizer. — Você precisa entender que as pessoas daqui não são como as da cidade. No interior, tem marido que bate na esposa, xinga os filhos e manda os vizinhos tomarem no cu, mas é *normal*. Por você ser gay e não fazer esforço pra esconder, o que não é uma crítica — faço que entendo com a cabeça —, eles *vão* se incomodar mesmo estando errados. Eduardo —

chama minha atenção, que já está ao máximo nele: —, não posso estar aqui o tempo todo. Você mora sozinho. O que impediria um cara desses de perder a cabeça?

— Não sei.

— Nem eu. Fique fora de problemas — ele descruza os braços e abre a porta, sem sair. — Vai querer carona pro trabalho?

— Não. Vou terminar de comer, escovar os dentes...

— Eu espero.

— Acho que hoje preciso ir andando.

Ele demora para concordar, preocupado.

— Te vejo no almoço — diz. E fecha a porta em silêncio.

— *Como é possível?!* Aconteceu de madrugada, não tem como a cidade inteira saber! — parece um pesadelo.

— As pessoas usam telefone, Eduardo. Minha avó ficou sabendo por uma amiga hoje de manhã, aí vim te contar. Não fica paranoico, não é *todo mundo* que sabe, mas até o final do dia saberão — Cassiano me fala, enquanto espero do lado de fora do mercado pelo *Santana*. — Assim que você voltar do almoço, é provável que todos já estejam sabendo. Você vai ser a maior movimentação de Estrelas desde a invenção da roda!

Ele brinca, mas pra mim é incômodo. Daqui a pouco começa uma inquisição para me expulsarem da cidade com tochas e pedradas. Somando a isso, já é quarta-feira, e segunda parece cada vez mais próxima.

— O que me irrita é não saber como lidar com a volta do Guilherme pro Rio. Não queria que ele fosse.

— Peça pra ele ficar — Cassiano começa o devaneio do príncipe encantado: — Se vocês forem almas gêmeas, ele vai ficar contigo. Ou te levar com ele.

— O cara me conhece há menos de um mês, não posso tirar o pé do chão. E não faria isso, jamais, pedir pra ele ficar.

— Você sabe que sou sensitivo. Vejo um futuro perfeito pra vocês dois — encosta a cabeça no meu ombro.

— E você sabe que sou muito agradecido por você ter contatado o Guilherme. Tinha me arrependido de não ter pegado o número dele.

— É, eu sei — ele dá dois tapinhas nas minhas omoplatas —, te disse que sou sensitivo.

Sorri pra mim com a boca de aparelho, me dá as costas e caminha pra casa, dando um tchau tão comprido que só perde minha atenção quando o *Santana* para e eu entro no carro.

— Espero que não me odeie — Seu Lúcio adverte.

— Pelo quê? — pergunto, arisco, fantasiando todo tipo de coisa: cancelamento do aluguel, execução numa fogueira em praça pública com possibilidades de decapitação — mesmo que Estrelas não tenha praça —, linchamento gratuito na porta do mercado, e que esse “pedido de desculpas” seja a maneira do Síndico dizer que tentou de tudo para mudar a cabeça dos violentos nativos, mas não foi bem-sucedido.

Só quando entro na casa dele que compreendo. Douglas está sentado no sofá marrom, de meias sobre o tapete bege ornamentado, virando os olhos para me assistir chegar.

O Síndico pede para que eu me sente e diz:

— Vamos resolver esse problema agora — e senta numa poltrona ao nosso lado.

É a primeira vez que o tom de voz dele é ameaçador. Vejo na expressão de Douglas — e no meu próprio arrepio — que o convite veio com certa intimidação. Como Síndico encontrou meu ex-namorado, com roupas claramente emprestadas do meu guardião nessa cidade, é um mistério pra mim. Mas como ele conhece todo mundo, em todos os lugares, dá a impressão de ser um grande líder da máfia local, um poderoso chefe de coração doce e benevolente.

Douglas não diz que me ama. Douglas não demonstra nada do que demonstrou ontem, mas diz que não quer ir embora sem mim. Que não pode. Usa a desculpa de que meus pais precisam de mim, que minha casa é em outro lugar, e eu entendo que esse discurso meio impessoal é para afastar da cabeça de Seu Lúcio, que já sabe que Douglas é gay, *essa* possibilidade.

Só que vê-lo mascarar os motivos com outros, colocando a “culpa” por não querer voltar pra Sampa nos sentimentos de outras pessoas, faz com que eu me pergunte de que maneira ele nos assumiria para os pais. Teria coragem? Quantos anos a mais levaria? E por que eu voltaria pensando em construir algo com ele se, mesmo compreendendo o amor que diz sentir por mim, *eu* não sinto nada?

Todas as razões que enumera, cada centímetro da máscara que cobre o rosto levemente corado, me empurra para longe. Ele fala, fala, fala, e eu não escuto nada. Não presto atenção.

Seu Lúcio levanta e diz que a conversa é minha e dele, que Douglas está falando um monte de coisas que não justificam as imbecilidades que praticou. Sai, fecha a porta e nos deixa a sós.

— Não vou voltar, você precisa entender isso — não é mais um pedido para que me compreenda. É para que ele pare de se humilhar. Não o quero rastejando. Eu quero viver.

O beijo roubado é diferente do gosto de plástico e tesão não permitido de nossos antigos beijos. A boca dele saliva de maneira diferente, a língua é

morna e os olhos, quando o afasto, são de paixão, inundados com a iminência da falta, iluminados pela esperança de que algo mude.

— Esse beijo não é suficiente pra mudar nada? — pergunta.

— É o suficiente para dizermos adeus.

E mesmo que isso o quebre, está na hora de aceitar.

Funga o nariz. Suspira. Arregala os olhos e os pisca. Passa a mão no rosto. Segue até a maçaneta e a gira. Abre a porta. Sai. O Síndico entra e antes de perguntar como estou, digo, do sofá:

— Nem meu pai me protegeria desse jeito.

Ele sorri e cruza os braços, apoiado no batente:

— Que bom que não sou seu pai.

Capítulo 18

Hoje tenho dez anos e tomei uma surra dos meus colegas de classe. No carro, meu pai diz que preciso aprender a me virar sozinho, que a vida não é um mar de rosas e se eu quiser me tornar bem-sucedido, preciso aprender a apanhar e bater.

Muito.

Só vou entender o porquê daqui a quatro anos, mas essa frieza me machuca mais que apanhar dos meninos. Preferiria até que esse sermão fosse dado com mais porrada.

Não entendo o motivo de estar tão bravo comigo.

Nem por que minha mãe está calada.

— Eles me chamaram de veado.

Daqui a quatro anos, vou entender por que eles se entreolharam. Agora, aos dez, essa troca de olhares parece fruto da preocupação. Em quatro anos, vou perceber que era uma constatação dolorosa de que eu seria a maior decepção da vida deles, que desde já precisariam de um plano para administrar a situação com menos danos possíveis.

A eles, é claro.

— Da próxima vez, bata primeiro — é tudo que meu pai diz.

Capítulo 19

É a primeira vez que venho à casa de Cassiano. Já sabia que ele morava com a avó por parte de mãe e que ambos nutriam uma relação de irmãos, mais do que de neto e avó.

Sabia que ela passeava pela sala de madeira só de sutiã rosa e shorts de lycra amarelo-limão, e que, com Cassiano, cantavam hinos gays como “I Will Survive” ou clássicos de *Elis Regina*.

Valda, a jovem vovó, tinha como melhor amiga a Stéfani, e ela é a primeira pessoa que vejo quando me arrependo de não ter me convidado para a casa de Cassiano antes. Esperei o convite e perdi a oportunidade única de conhecer a mulher por qual Cas chora na sala agora, antes clareada pelo sutiã rosa, agora afundada em tanta gente vestindo preto.

— O que aconteceu? — pergunto para Ju, ansioso por uma brecha onde as pessoas parem de oferecer sentimentos a um Cassiano inconsolável.

— Ela não acordou. Ela, simplesmente, não acordou.

— Vai falar com ele — Stéfani pede, assim que amigos de Valda se despedem em lágrimas com um pedaço de bolo na mão, e eu não sei o que fazer, minhas pernas tremem. Quando me ajoelho na frente de Cassiano, sentado no sofá, deixo que enterre o rosto em minha camisa escura, que soluce alto a dor que todos nessa casa estão sentindo.

Desejo ter poderes. Desejo trazer de volta a imortalidade da criatura que, apostado, ele *jurou* que seria imortal. É por isso que choro, pelo deterioramento de uma certeza tão clara. Pessoas que amamos não deveriam morrer. Elas não deveriam partir, é egoísmo demais.

O mundo seria tão frio assim se eu tivesse morrido? Se minha tentativa de não existir fosse bem-sucedida, eu mataria as pessoas dessa forma?

Somos estrelas. A analogia mais fiel à existência humana é a de que somos estrelas. Quando chega nossa hora, quando precisamos morrer, implodimos nossa massa e nos tornamos buracos negros. Sugamos toda luz.

Sugamos toda luz que não volta.

Não consigo parar de chorar. Não consigo constringir esse enlace apertado onde bate o coração. Mesmo que cientistas digam que tá tudo no cérebro, é bem nesse espaço que sinto essa amarra esquisita. Respiro tão rápido que acho que perderei os sentidos, que desmaiarei por dois segundos, mas as mãozinhas agarrando as costas da minha camisa com a garra de quem está pendurado num precipício a ponto de cair, recuperam minha fé na materialidade.

É injusto, é tarde. É tão do nada.

Cassiano não quer companhia e o olhar de piedade no rosto de Stéfani, sincronizando a dor que Sílvio e Ju sentem na expressão mais honesta de sentimentos que vi deles, me dilacera. Não há mais o fim da tarde e a noite pede para que Cassiano ordene solitude.

Generosos amigos, dele e da avó, estão indo embora. Quer ficar sozinho, quer dormir na cama dela. Promete que vai ligar, promete que vai mandar alguém me atualizar sobre o estado dele e eu acredito.

Eu fecho a porta e caio no braços de Guilherme.

— Desculpa o atraso — ele diz e me aperta. Eu choro mais, sem ruídos. Assim como Cas se enche de felicidade por me ver feliz, estou acimentado em tristeza por vê-lo sofrer.

— Me cura, Guilherme. Isso é muito ruim — suplico.

Afaga meu cabelo, esfrega meus ombros. Me deixa nas mãos de Stéfani enquanto larga um abraço em Cassiano lá dentro e me guia para o carro aqui fora.

Perto de tudo que tá rolando, a partida iminente de Guilherme de volta para o Rio não parece nada. Ao menos ele estará em algum lugar, pronto pra ser tocado após alguns ônibus. Seguro a mão dele enquanto dirige:

— Obrigado por existir.

Ele assente. Espera. Acrescenta:

— Tenho uma surpresa. Não era assim que imaginei dá-la a você, até porque achei que ficaria bravo comigo pra sempre depois daquela briga... Fiquei incomodado, me julguei pra caramba por ter agido daquele jeito. Eu queria mostrar que tô disposto a brigar por você. Quero que todo mundo reconheça isso em mim.

— Você não precisa provar nada, já sei o que sinto.

— Eu também.

Uma doce pausa. Choro pelo rosto de Cassiano. Minha mão esquenta sob a de Guilherme, escondo meu sal e água. Quando viramos numa estrada escura, subindo por terra úmida por causa do sereno, percebo que não estamos indo pra minha casa.

— Aonde vamos? — soei preocupado.

— Ia deixar pra dizer quando te desse a surpresa, mas na frente de tudo que aconteceu com o Cassiano, acho que fará com que se sinta melhor — ele me deixa curioso: — Quer morar comigo? No Rio? — e emenda com pressa: — Sei que é recente, até eu fiquei com receio de falar, com medo de que enjoasse de mim ou, numa probabilidade bem menor, eu enjoasse de você, mas não. Eu *sinto* você. Sei que as cidades não são distantes, é bem melhor vir aqui do que ir para São Paulo te encontrar, mas vou voltar a trabalhar, você tem seu emprego, e não sei como lidar com a falta do Eduardo. Penso em você o dia todo e acho que meus pais sacaram que você não é apenas um amigo. Têm perguntando pouco discretamente “*como vai aquele menino bonito?*” e só tenho respondido “*continua bonito*”. Quero o prazer de acordar contigo e fazer sanduíches pro café da manhã, e montar uma macarronada muito gay aos domingos, só pra você. Pode me tomar como

— Ele *não está*. Mas vai ficar. Todo mundo fica. Só precisa de tempo. Ele pediu, não pediu? Tempo? — concordo. — Então dê isso a ele. O que Cassiano vai enfrentar agora é com ele. Quando precisar, vai pedir ajuda. Sua parte você fez, mostrou que está disponível. Deixei-o vir quando estiver pronto, tudo bem?

Fungo o nariz entupido e passo os dedos nos olhos com violência. É como respondo “tudo bem” sem dizer nada. Ele me esfrega de novo, me esquentando. Beija minha testa e pede:

— Vai, entra no carro. Tenho uma surpresa pra te dar.

E Guilherme me faz feliz com pouco. Pediu para eu morar com ele e não sei se devo responder agora. Acho que não. Se tivesse de responder, não saberia o que dizer.

Não demoramos para que ele estacione o carro e peça para que eu espere sentado, de olhos fechados, enquanto desce sobre o campo de grama baixa, cercado por floresta. Sei pelos sons que pega diversas coisas na mala, pois mantenho minha palavra, continuo de olhos fechados. Esse sorriso que esbanjo não é de nervosismo. É real. De graça.

— Não abra ainda — pede de novo, quando escancara a porta para mim e me leva pela mão até a frente dos faróis acesos. Dá pra sentir a energia morna da luz queimando minhas pernas. — Só mais um pouco — diz, me levando sobre a grama que farfalha encharcada contra meus tênis. — Pode abrir.

Tem sol na noite. Dois. Eles vêm do carro para iluminar meu rosto e a toalha quadrada, antiquada em listras verdes, vermelhas e brancas que *eu sei* que ele roubou da família. Sobre ela, velas de variadas formas tentam se destacar do par de raios luminosos que o *Peugeot* alimenta. Porém, duas coisas se destacam mais ainda no surrealismo dessa noite.

Uma é a maneira com que o aroma doce dos incensos espetados na terra desenham formas com a fumaça ao atravessarem os holofotes do carro, dançando contra o breu sem brisa.

A outra é o enxame de estrelas no céu, de nós, gente que vira buraco negro quando morre, mas que continua brilhando pra alguém. Milhares, milhões, e parece que não há espaço suficiente no céu para todas elas, que combatem o piche acima de nossas cabeças com tons azulados e piscantes.

— Porque você não bebe — Guilherme explica quando sentamos e oferece uma taça de vinho com refrigerante de uva no lugar, batatas chips, salgadinho e bolachas de maisena colados com margarina.

Um beijo demorado. Está tudo perfeito. Talvez sejam minhas emoções muito à flor da pele depois do velório, depois do pedido pra morar com ele, depois de ver Cassiano se isolar num local onde não posso alcançar, mas aqui tenho certeza de como me sinto.

Nos escondemos tanto atrás de desculpas como “*você só vive uma vez*”, e nos condicionamos a fazer merdas atrás de merdas, a sermos cruéis com as pessoas e com nós mesmos, que quando desabrochamos na escolha mais saudável daquilo que realmente vale a pena — o inteiro —, as flores cheiram diferente.

“*Você só vive uma vez*” deveria ser sinônimo de gozar a vida que a gente quer, não a que nos condicionamos por medo da solidão, por fuga, caçando entorpecimentos baratos que não nos completam. Quando completam, a gente quer ver tudo, o tempo todo, e buscar mais.

Quer olhar para dentro e não discutir com ninguém sobre o que nos faz bem ou melhores. A gente quer compartilhar resultados.

Dizer “eu te amo”.

Não só para o namorado ou apenas pelo filtro antitimidez que é a internet; é dizer para mãe, pai, avó, primo, irmão, amigo, sem esperar o retorno, sem colocar barreiras para um sentimento tão positivo. Odiar mais devagar, amar mais rápido.

Guilherme me toca. Estou olhando para a porta aberta de minha Grande Verdade, minha Shangri-la. Ela sempre esteve comigo, dentro de mim, e está dentro do Guilherme. Dentro de Cassiano, dos meus pais, de você. É o

paraíso na Terra, a definição máxima de sua realidade, perfeita por possuir falhas. É pessoal, mas não indivisível.

Entendo por que estamos nus. É minha primeira vez tateando o paraíso. O compartilho com Guilherme e ele compartilha comigo.

Isso é ser homem, é ser mulher. Ser homem é sinônimo de ser humano. E ser mulher também é.

Até imagino o que Cassiano vai dizer: “Ele é seu príncipe encantado! Ele te convidou pra morar com ele na *mesma noite que tirou sua virgindade!* Te disse, sou sensitivo! Casa com ele, Eduardo!”.

Cas é a primeira e única pessoa que *preciso* contar sobre a noite passada — e um pouquinho da madrugada. Em partes, não sei até onde respeitar a tristeza dele e expôr minha alegria, mas tenho certeza de que os novos eventos sobre meu confuso futuro o deixarão quase tão em êxtase como eu estou.

Decido passar na casa dele no horário de almoço, levar uma pizza e brincar de estar numa série de TV com meu primeiro melhor amigo. Ele faria o mesmo por mim. Ele fez, foi contra minha vontade e chamou Guilherme. Ele fez com que tudo isso acontecesse, então pouco eu e meu par somos responsáveis: Cassiano fez o trabalho duro.

Às vezes é bom ultrapassar os limites dos outros para oferecer o que eles precisam — e não percebem. Eu sei do que ele precisa porque preciso do mesmo: companhia.

Parece que não dormi só três horas. Parece que meu corpo não cansou, mas recebeu uma carga extra de energia. Chego no Mercado Estrelas antes de abrir e meu chefe adora essa prontidão. O ajudado a preparar a loja e

cumprimento as meninas com um entusiasmo que não crio, mas que se desenrola de mim. Me sinto feliz, capaz de qualquer coisa.

O que ainda não tenho é uma resposta. Minha alegria é inocultável por receber o convite de morar com o cara que gosto, que gosta de mim de volta, mas tem pouco tempo desde que quase morri e retomei meus passos. Tem pouco tempo que nos conhecemos como casal. E se não der certo? Pra onde vou? O que terei?

Não que eu esteja mergulhando no relacionamento esperando o pior, mas antes ter e não precisar do que precisar e não ter um plano “B”.

Mano, Guilherme me chamou *pra morar com ele!* A vida é coisa de maluco! Se *apaixonar* é coisa de maluco, só gente doida faz isso. Esse sou eu querendo passar minha vida com alguém que conheci há um mês! Que credibilidade a sociedade daria a nós?

Por isso ninguém mais importa, só a gente. O tempo é curto, amar precisa ser fácil, não deve machucar ou torturar. Com ele está sendo a coisa mais fácil do mundo.

É como se eu estivesse sendo recompensado. Melhora quando dá a hora do meu almoço e saio correndo do setor de frios para caminhar até a casa de Cassiano. Tenho o triplo de vontade de abraçá-lo e assar logo essa pizza de calabresa que levo debaixo do braço (debaixo de sol quente), quando noto um carro da polícia e o caminhão dos bombeiros, além do carro de Ju e mais outro que não conheço.

A tristeza volta a mim: quando deixarão Cas em paz? Quando pararão de perguntar como a avó dele morreu ou do que ele precisa? *Eu sei* do que ele precisa, tá bem debaixo do meu braço.

Quando ultrapasso o pequeno portão de madeira para dentro dos limites do largo quintal de grama aparada e amarelada, Stéfani, Sílvio e mais um garoto precisam segurar Ju, para que não voe em cima de mim e arranque meu pescoço:

— A CULPA É SUA! A CULPA É SUA!

E de alguma maneira, eu sei do que ele tá falando, mas não assumo. Posso estar errado, acho que estou. Não, eu não acho. Se achasse, não teria jogado a pizza para o lado, atravessado o cabeleireiro em fúrias e lágrimas e segurado por um grupo de amigos sufocados em melancolia, para que um policial me barrasse na porta dizendo que não posso entrar.

É impossível que o timing do mundo seja tão cruel.

No caminhão dos bombeiros, alguém coberto numa maca. Com as pupilas estourando para espiar dentro da sala barrada pelo obeso fardado, caixas de *gardenal* e uma garrafa de gim. De novo, olho para a ambulância e meus pés pensam antes do meu cérebro, antes mesmo dos dois médicos me impedirem de descer o zíper para ter certeza de que o cabelo mais liso estava dentro do saco mortuário.

Tenho ânsia de vômito. Sinto que dou voltas no mesmo lugar, mas estou parado. Alguém diz meu nome. O Sol machuca minha pele. Sinto um braço ao meu redor, me colocam num carro. Não sei de quem, não sei pra onde. Não respondo a estímulos. Meu entorpecimento é parcial para tudo, menos para a dor. O frio...

O mundo congela quando você se mata.

Capítulo 20

Não é sua culpa.

Talvez os meninos digam isso pra você, mas não é. Sua culpa é minha dúvida entre fazer o que decidi ou continuar aqui, escrevendo para adiar meu medo.

Espero que me entenda, Eduardo. Por ter passado pelo mesmo que eu, espero que entenda por que o fiz. Sou sensível, sempre disse isso, e minha intuição me diz que você não vai saber como reagir, que vai se martirizar e se perguntar até onde poderia ter "me salvado" e essa é a consequência que mais temo, porque, de todos os meus amigos, você é o único com sensibilidade suficiente para ler as entrelinhas.

Eles vão chorar, vão me xingar, vão beber e vão me amar de novo. Você, talvez, não consiga se perdoar. Pior ainda: em silêncio.

Estou tão contente em como as coisas com Guilherme estão dando certo! Tudo bem, admito que 90% do resultado aconteceu graças a mim, mas, ei, não quero receber créditos por isso. Mentira, quero sim. Pra sempre.

Vocês dois são o mais perto de casal que eu já consegui ser. Ao uni-los, coloquei meus melhores desejos de estar com alguém no que vocês terão daqui pra frente. Parece estranho, mas investi a felicidade que queria para mim em vocês.

Não conheço o mundo além dessa cidade. Até algum tempo, achei que quando a hora de minha avó

chegasse, eu teria coragem pra partir, desbravar uma nova terra, mas também achei que a vida me prepararia para esse fim, não que a tiraria das minhas mãos de uma maneira tão... Não sei qual adjetivo usar pra odiar o mundo.

Acho que não aprendi como odiar nada. Me arrependo disso.

Estou triste. Tô entrando em colapso há muito tempo e nunca soube como falar disso pra ninguém. Todas as vezes que planejei me abrir com você, agia na sua frente como o garoto mais feliz, é incontrolável. Sabe quando arremessam uma bola na sua cara e mesmo que você não veja que é uma bola, o simples movimento faz com que você se defenda? Acontecia isso quando eu tentava pedir colo pra você.

Mas, por favor, Eduardo, não se odeie por isso. Não tinha como você adivinhar, assim como ninguém pôde adivinhar o que tinha atrás do escudo que você montou ao aceitar aquela vida que te fazia mal.

Se a gente não disser o que tá rolando, não é todo mundo que vai acertar um palpite. E para quem acertar, a gente vai dizer que tá tudo bem, que estamos bem.

Se eu não tivesse a certeza de que vou morrer hoje, não entregaria essa carta. Na verdade, mesmo com uma fraca hipótese de que os quarenta comprimidos que ingeri não me matarão, ainda penso em queimar essa folha de papel.

Só que você merece toda verdade e felicidade do mundo. Tenho a obrigação de libertar você de qualquer culpa. Tenho a obrigação de ser seu

melhor amigo porque, nossa, Eduardo, eu te juro, você foi o melhor amigo que já tive.

Por favor, sinta saudade de mim.

Com amor, eterno amor, Cassiano.

P.S.: o box de *Glee* é seu. Você *precisa* aprender a cantar as músicas antes que seja tarde.

P.S.2: já leu sobre reencarnação? Isso explicaria muita coisa sobre as "coincidências" da vida. Talvez sua família de verdade esteja em Estrelas. Talvez você precisasse morrer pra chegar aqui e reconhecer quem você não lembra.

P.S.3: acho que falar disso chega a ser hipocrisia da minha parte, mas sou humano. Errar faz parte do meu DNA.

P.S.4: sou sensível.

Pela milésima vez na semana, releio esta carta. Na primeira vez, chorei mais que a vigésima. Na incontável de hoje, absorvo o que ele quis dizer e o que não deixo de pensar.

O entendo sem entender. Não dá pra enxotar a ideia de que me abandonou, mais do que a ideia de que ele era livre para tomar a decisão que mais lhe cabia. O egoísmo, na hora dos cálculos, varia do ponto de vista de quem sofre.

Também poderia continuar me culpando por não ler a mente dele para poupá-lo de tentar dizer quais demônios enfrentava, mas não quero sentir culpa. Ele está morto. Fisicamente, ele se foi e me abdicou desse sentimento.

Há coisas que não podemos controlar. Atitudes, pensamentos, e o dia em que a chuva cairá, independem da nossa vontade.

Por que eu continuaria chorando? Estou vivo, preciso engolir essa bola amarga e com gosto de cera de ouvido, acalmar meu peito e reaprender a respirar. Preciso lembrar do rosto dele pelas alegrias que compartilhamos.

Preciso sorrir pela oportunidade de que *nós* acontecemos, não chorar porque acabou.

A influência eu trouxe. O nome do remédio eu dei. A escolha foi dele. A minha foi de voltar para São Paulo agora, tocar a campanha de meu antigo apartamento e receber o abraço prantoso de minha mãe, que mexe no meu cabelo como se fosse de diamante.

Meu pai aparece logo atrás dela e, no mesmo segundo, estendo a mão para que Guilherme saia do corredor e encare a porta aberta comigo.

— Esse é meu namorado — o apresento e sei que isso dilacera meus pais. Só que a tendência do ser humano é evoluir. Se eles não puderem aceitar, problema deles. Só não posso tomar uma decisão tão drástica sem avisar às pessoas que mesmo tendo jogado contra mim, ainda esperam meu bem acima dos outros.

O egoísmo, de novo, vai da perspectiva.

— Qual o seu nome? — meu pai pergunta, abrindo a palma para Guilherme apertá-la. E mesmo que minha mãe carregue um sorriso quebrado, mesmo que os olhos de meu pai ardam, nós estamos vivos. Não vou deixar de tentar enquanto eles não deixarem de tentar também.

Foi a primeira vez que meu pai fez o almoço.

Foi o melhor estrogonofe da minha vida.

Talvez a gente só funcione como família assim, vez ou outra. O que é contrário ao que sinto com Guilherme. Por mais que tenhamos anos à frente, o tempo que passo com ele *nunca* é suficiente para matar minha vontade. O

contrário disso é a ânsia de fugir, se imaginar em outros lugares, com outras vidas. Por isso fui parar no interior, pra viver outra encarnação.

Essa é nossa última noite juntos antes que ele volte ao Rio. Quando me deixa na porta de casa — do meu *lar* verdadeiro —, espero que diga alguma coisa, que exija resposta sobre o convite que fez a mim, mas não fala nada.

Porém, é no mutismo de nos abraçarmos com os olhos que me dou conta do que quero dizer, do que preciso fazer, beijando-o com tudo que tenho acumulado no peito. Dor e tristeza se convertem em segurança. Guilherme é lar.

Aí sei qual é minha resposta.

Epílogo

Prometi que visitaria Lúcia e Lucianinha sempre que desse. Prometi à Stéfani que me transformaria em drag com ela um dia e apertei a mão de Ju sem ressentimento algum.

Prometi ao seu Zé que reclamaria meu recente cargo administrativo no Mercado Estrelas de novo, mas na hora de ir, tudo parece mentira.

A partida parece para sempre.

Assim como foi quando fugi de casa na primeira vez. Porque agora não é fuga. Esse sou eu retrazando a rota de minha estrada, a jornada que é meu sucesso, já que o destino é o fim de mim como conheço, o desprendimento de meu corpo para habitar nas memórias daqueles que conviveram, falaram ou cruzaram os olhos comigo.

Como fez Cassiano e a avó dele. Como aconteceu a mim, apesar de continuar respirando.

Um a um, dou um pouco de meu amor, de minha tristeza, do medo de deixá-lo sozinhos. Ninguém fica para sempre na vida de ninguém.

“Para sempre” é o nome dado às fases da existência, enquanto durarem. Nessa minha fase, há outra convivência que preciso experimentar, diferente da libertação do amor automático, dos laços sanguíneos. Aos meus pais biológicos, uma ligação por semana. Funcionamos assim.

Ainda acredito que essa distância, mesmo que dolorosa para eles, é um alívio. Pra mim também é.

Douglas, meu ex-namorado, é agora namorado de uma garota. Porque precisamos de exemplos de que alguns de nós nunca aprendem.

Do que aprendo, o “até logo” à família que escolhi e que me escolheu parece mais apropriado que o adeus de meus piores momentos, o pretérito morto que jaz sem vontade no chão do quarto em São Paulo. Meu espectro obscuro, agora iluminado.

Somos pais, filhos, irmãos, primos e tios, héteros e gays, todos humanos, água ensacada em pele.

Ele me espera de frente para a garagem gradeada do estacionamento. O prédio não tem muitos andares e é o suficiente, já que não buscamos alcançar o céu: o paraíso está na Terra. Em nós. Shangri-la em Ipanema.

Não estávamos prontos para esse compromisso a um ano atrás. Pra ser sincero, *ainda* não estamos, nunca estaremos. A gente só está pronto para tomar uma decisão quando a toma.

Porém, esses treze meses separaram nossos caminhos para que nossas bases se estabelecessem sólidas — não menos maleáveis — e livres de dúvidas que assolam relacionamentos como pragas em passagens bíblicas — afinal, somos filhos de Sodoma, comida para gafanhotos.

Guilherme chama o Síndico de sogro, ajudando a tirar uma simples mala que eu trouxe no banco de trás, além de minha mochila. O box de *Glee* que Cassiano me deu está dentro dela, e é por isso que a seguro como se fosse uma bola oca de vidro, mesmo enquanto abraço a pessoa que mais tenho sentido falta nas últimas semanas.

Acho que morrerei com ele, enquanto nosso “para sempre” durar.

— Cuida bem desse menino — Síndico diz, abraçando Guilherme como um segundo filho, o que veio depois de mim, a quem ele se dirige agora e não controla as lágrimas. Eu gostaria que controlasse.

Ao me soltar, agarro a camisa de Guilherme com uma mão e ele me aperta pra mais junto. Difícil encarar a vermelhidão da saudade no rosto do Síndico, que entra no carro e dobra a curva na Rua Francisco Sá, me militarizando a engolir o muco salgado que entope o fôlego.

Meu namorado beija minha testa, pega minha mala e diz:

— Vamos pra casa.

No que nossa porta se fecha para o corredor do quarto andar, se abre para uma outra nova vida.

Mais uma, de muitas.